



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA  
INSTITUTO DE PSICOLOGIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA



*Karla Priscilla Lemgruber*

**Adolescência: Subversão e Trânsito na Vida Adulta**

**UBERLÂNDIA**

**2011**



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA  
INSTITUTO DE PSICOLOGIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA



*Karla Priscilla Lemgruber*

## **Adolescência: Subversão e Trânsito na Vida Adulta**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia – Mestrado, do Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial à obtenção do Título de Mestre em Psicologia Aplicada.

Área de Concentração: Psicologia Aplicada

Orientador(a): Prof. Dr. João Luiz Leitão Paravidini

**UBERLÂNDIA**

**2011**

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**Sistema de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil.**

---

L553a Lemgruber, Karla Priscilla, 1980-  
Adolescência : subversão e trânsito na vida adulta / Karla Priscilla  
Lemgruber. - 2011.  
80 f.

Orientador: João Luiz Leitão Paravidini.  
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia, Pro-  
grama de Pós-Graduação em Psicologia.

Inclui bibliografia.

1. Psicologia - Teses. 2. Psicologia aplicada - Teses. 3. Psicanálise  
- Teses. 4. Psicologia do adolescente - Teses. I. Paravidini, João Luiz  
Leitão. II. Universidade Federal de Uberlândia. Programa de Pós-Gra-  
duação em Psicologia. III. Título.

---

CDU: 159.9



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA  
INSTITUTO DE PSICOLOGIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA



*Karla Priscilla Lemgruber*

### **Adolescência: Subversão e Trânsito na Vida Adulta**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia – Mestrado, do Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial à obtenção do Título de Mestre em Psicologia Aplicada.

Área de Concentração: Psicologia Aplicada

Orientador(a): Prof. Dr. João Luiz Leitão Paravidini

### **Banca Examinadora**

Uberlândia, 16 de dezembro de 2011

---

Prof. Dr.  
Orientador (UFU)

---

Prof. Dr.  
Examinador (Instituição)

---

Prof. Dr.  
Examinador (Instituição)

---

Prof. Dr.  
Examinador Suplente(Instituição)

**UBERLÂNDIA  
2011**

Quando eu tiver setenta anos  
então vai acabar esta  
adolescência.

Vou largar da vida louca  
e terminar minha livre-docência

Vou fazer o que minha mãe deseja  
aproveitar as oportunidades  
de virar um pilar da sociedade  
e terminar meu curso de Direito

Então vou ver tudo em sã consciência  
Quando acabar esta adolescência

**Paulo Leminsky**

## **Agradecimentos**

É chegado o momento de falar sobre a minha gratidão. Sou grata pela chance que tive de viver experiências inesquecíveis e também às pessoas que direta ou indiretamente me estimularam, apoiaram e enfim acreditaram que este seria um projeto possível.

Aos meus pais por tudo e principalmente pelo apoio “logístico” nessa empreitada;

Ao Thiago, “Paxão”, amor da minha vida que desde o início dizia: “você VAI fazer esse mestrado”, sem ele não sei se conseguiria seguir em frente;

Ao Pedro, filhote, adolescente à flor da pele, que me influencia com seus filmes e músicas em altíssimo volume (inclusive enquanto eu escrevia);

Ao João Luiz, meu eterno professor, pela confiança, paciência e sábias palavras;

À Maria Lúcia, professora querida e companheira;

À Simone, pela presença nos momentos quase desistentes;

À Marcela, que sempre soube abrandar meu coração nos momentos de ira e por dividir comigo esta “idade da vida”;

Ao Rafael, pela leitura atenta e carinhosa;

Aos supra amigos pelas discussões fecundas;

À Marineide, pela paciência e apoio;

Obrigada ainda aos meninos e meninas que, ao adolecerem, dividiram comigo segredos, medos, decepções e confusões.

## Resumo

A presente pesquisa é um estudo psicanalítico sobre o conceito de adolescência e suas relações com a vida adulta. Utilizando o referencial psicanalítico articulamos uma metapsicologia do mal estar contemporâneo através da adolescência que se apresentou um conceito-chave nessa investigação. A condição pós-moderna de existência acrescenta ao psiquismo tarefas cada vez mais complexas e que, nesta compreensão, vida adulta e adolescência se tornaram interdependentes. A adolescência foi 'abraçada' pela sociedade e por sujeitos não-adolescentes, revelando que o conceito possui funções que vão além da passagem da adolescência para a vida adulta. O ideal Adulto de integração, realização pessoal e autonomia, se mostrou frágil quando às mudanças sofridas nas relações de trabalho e família atingiram o corpo social. A investigação apresenta ainda discussões sobre a modernidade e suas relações com a adolescência, a crise das idades da vida, o fenômeno da adolescência prolongada e a especificidade estrutural da adolescência enquanto fundamento operatório para o dimensionamento do psiquismo. A descoberta da pesquisa aponta para o fenômeno que chamamos de vacância do lugar de Adulto. Propomos que a condição do Adulto seja mais um ideal moderno decaído, dele restando a resignificação como lugar que é tomado como cambiante e faltoso. Uma vez decaído e esvaziado, o ideal moderno de Adulto se modifica abrindo espaço para novas formas de subjetivação, a possibilidade de uma vida adulta pautada na proibição fundante em que a adolescência opera significando trânsito e subversão. Hoje a adolescência transita pelo mundo adulto seja como ideal cultural seja como função psíquica, um jogo de subversão que coloca em causa os lugares socialmente determinados e suas conseqüências na constituição do sujeito.

Palavras-chave: psicanálise; adolescência; vida adulta; ideal; pós-modernidade;

## Abstract

This research is a study on the psychoanalytic concept of adolescence and their relationship to adult life. Using a psychoanalytical metapsychology articulate the contemporary malaise through adolescence who presented a key concept in this investigation. The postmodern condition of existence adds to the psyche increasingly complex tasks and that this understanding, adulthood and adolescence have become interdependent. The teenager was 'embraced' by the society and non-adolescent subjects, revealing that the concept has functions that go beyond the passage from adolescence to adulthood. Adult The ideal of integration, personal development and autonomy, proved fragile as the changes experienced in labor relations and family hit the social body. The research also presents discussions of modernity and its relationship with adolescence, the crisis of the ages of life, the phenomenon of extended adolescence and structural specificity of adolescence as a foundation operative for the design of the psyche. The discovery of research points to the phenomenon we call the place of Adult vacancy. We propose that the condition of the adult is more a modern ideal fallen, leaving it a new meaning as a place that is regarded as foul and changing. Once fallen and emptied, the modern ideal of Adult changes making way for new forms of subjectivity, the possibility of a ban adult life based in the founding of the teens meaning operates transit and subversion. Today the teenager with the world is grown as an ideal of cultural and psychic function, a game of subversion that undermines the places socially determined and its consequences in the constitution of the subject.

Keywords: Psychoanalysis, adolescence, adulthood, ideal, post-modernity;



## Sumário

<b>Introdução</b> .....	09
O Surgimento da Pesquisadora .....	09
O Objeto da Pesquisa: Transição à Vida Adulta? .....	13
<b>Capítulo 1: Adolescência: Filha da Modernidade</b> .....	<b>18</b>
<b>Capítulo 2: “Eu Não Quero Crescer”:</b> A Adolescência Prolongada .....	<b>29</b>
<b>Capítulo 3: Adolescência e Psicanálise</b> .....	<b>43</b>
3.1 Breve Histórico .....	43
3.2 O Complexo de Édipo e A Adolescência .....	47
<b>Capítulo 4: A Teoria da Passagem de Jean-Jacques Rissial</b> .....	<b>51</b>
4.1 O Nome do Pai .....	51
4.2 Operação Adolescente .....	53
4.3 Consciência Geracional .....	56
4.4 Decepção Edípica .....	58
<b>Capítulo 5: Adolescência como Ideal Cultural e a Vacância do Lugar do Adulto</b>	<b>61</b>
<b>Considerações Finais</b> .....	<b>70</b>
<b>Referências Bibliográficas</b> .....	<b>74</b>
<b>Anexos</b> .....	<b>78</b>
Tradução da Letra da Música: “I Don't Want To Grow Up” .....	78

## Introdução

\_ Já eu não me preocupo nada, faz muito tempo que eu descobri qual o problema da nova geração. Você sabe qual o problema da nova geração?

\_ São vários, são muitos. Eles...

\_ Não são nada. Eu vou te explicar o problema com a nova geração. O problema com a nova geração é um só. O problema com a nova geração é que a gente não pertence mais a ela.

**João Ubaldo Ribeiro**

## O surgimento da pesquisadora

A adolescência e os sujeitos adolescentes me intrigam há muito tempo, e depois que me formei psicóloga, se tornou uma interrogação cada vez mais inquietante. Sobre a minha própria adolescência posso dizer que foi bem vivida, explorada, sentida e, na medida do possível, tratada em análise. E como o leitor pode deduzir a escrita dessa dissertação é uma tentativa a mais de compreender o que se passou lapidando o vivido e transformando as descobertas em novas interrogações.

O caminho percorrido nessa investigação foi composto por descobertas, achados de pesquisa, que eu denominei de *acontecimentos psíquicos*. O primeiro desses achados foi a descoberta da pesquisa psicanalítica.

Mas o que isso tem haver com o tema? Muita coisa, pois sem a compreensão do que trata a pesquisa em psicanálise não seria possível o encontro com o objeto da pesquisa, e sem ela ficaria difícil de sustentar as “idas e vindas” do meu texto, próprias do objeto fugidio do estudo psicanalítico. E, como a pesquisa psicanalítica se apoia em

bases diversas, penso ser importante expor as minhas, de forma breve, mas o suficiente para mostrar o meu olhar enquanto pesquisadora em psicanálise.

Posso afirmar que meu curso de mestrado foi muito além de uma aprendizagem acadêmica, foi também uma transição, uma passagem, uma movimentação constante. Contudo, quero falar sobre uma transição crucial que gostaria de compartilhar aqui, pois guarda íntima relação com o método de pesquisa que utilizei. Entendo que iniciei o mestrado como pesquisadora em ciências humanas e que termino como pesquisadora em psicanálise, transformação que se deu através de muito estudo, dúvidas, contradições e resistências.

Certa vez Lacan preconizou que o procedimento da pesquisa em psicanálise está na singularidade do caso e que o método da psicanálise consta da preocupação com o “fato isolado” indo fundo na análise do mesmo de forma a retirar dele o máximo de conseqüências e insistir em uma direção (Coutinho & Ferreira, 2009). Nesta pesquisa o fato isolado remete as experiências adolescentes atravessadas em mim.

Além da particularidade, outra característica própria do método de pesquisa em psicanálise, é que o mesmo ressalta a pessoa do pesquisador. Tânia Coelho Santos me apresentou algumas ideias que acredito serem propícias para falar disso. Para ela os orientadores na pós-graduação *stricto sensu* ocupam um lugar semelhante àquele do analista: não são mestres de um saber absoluto (Santos, 2002). E mais, cabe ao orientador transmitir o que acumulou em sua experiência particular em pesquisa, aquilo que resultou nos efeitos subjetivos de sua trajetória com seus respectivos orientadores, supervisores e analistas. Essa forma de conceber a pesquisa resulta num modo investigativo aberto a transformações e à inclusão de novas perspectivas e está intimamente ligado à maneira do pesquisador em acolher o novo. Somos pesquisadores livres para experimentar e seguir caminhos que possam ser refeitos. Parece fácil, mas

não é. A relação com o novo é uma constante que acompanha o pesquisador até o momento final e que se tornou, para mim, um companheiro inseparável. Lidar com as ideias novas é uma das tarefas mais difíceis porque demanda uma realocação de todas as ideias anteriores, o que por sua vez exige um tempo lógico difícil de conciliar com o tempo cronológico da instituição.

Seguindo um pouco nas pressuposições da autora entendemos que a pesquisa em psicanálise faz do pesquisador, ele próprio, um evento novo, definido no encontro particular com sua banca examinadora e no qual será erigida uma investigação. Tal investigação não tratará de um evento de valor universal e sim de um acontecimento particular circunscrito a uma determinada linhagem/tradição psicanalítica à qual se filiam seu orientador e o orientando. Esse novo pesquisador se daria a reconhecer pela sua inserção em determinada comunidade psicanalítica, compartilhando a mesma genealogia e tradição. Ao fim de uma formação em pesquisa temos “o advento de um pesquisador capaz de elevar os significantes sintomáticos de sua interrogação à dimensão de uma contribuição que faça avançar os impasses do campo de pesquisa” (Santos, 2002, p.74).

Penso que a natureza da pesquisa psicanalítica demarca um território de investigação que através da análise minuciosa do particular espera-se encontrar uma construção teórica de valor universal. O pesquisador enquanto evento novo que eleva seus significantes sintomáticos de sua interrogação a um nível que contribua com a teoria é realmente uma visão fascinante. Pensar que me tornei um evento novo e consegui, na medida do possível, elevar elementos sintomáticos da minha investigação em uma contribuição à psicanálise é uma ideia motivadora e ao mesmo tempo assustadora. Explico melhor, agora, quando depois de uma longa caminhada, me sinto realizada ao me reconhecer como esse evento novo, uma pesquisadora em psicanálise, e

mais ainda que minhas interrogações, tão angustiantes e que pareciam tão desinteressantes puderam se tornar contribuições à pesquisa psicanalítica, eis uma das razões que me faz tão apaixonada pelo que faço. Mas preciso lembrar que no começo não era nada parecido com isso. No início foi aterrorizante pensar numa responsabilidade dessas, por isso, ter um orientador que acreditava que dessa confusão sairia uma pesquisa, realmente foi crucial para continuar.

Santos (2002) fala também sobre uma tradição genealógica das comunidades psicanalíticas. Quanto a isso acredito que é importante um rigor teórico. Entretanto tal rigidez pode responder a uma ideologia que pretende manter certa hierarquização da teoria psicanalítica, ou ainda, servir a um uso político-ideológico evitando conflitos que poderiam ser frutíferos para o desenvolvimento da teoria. Sendo assim, aproveito da minha posição de aprendiz e peço licença para visitar perspectivas psicanalíticas e sociológicas a fim de construir pontes que satisfaçam, por hora, minhas interrogações adolescentes.

Nesse sentido foi importante desfrutar da confiança e liberdade fornecidas pelo meu orientador, que me possibilitou conhecer melhor as ideias de Freud e de autores ligados à corrente francesa como Lacan, Dolto e Rastier e muitos outros que fazem psicanálise nas universidades brasileiras. Minha análise e supervisão são de influência inglesa e meus interlocutores na universidade defendem uma psicanálise sem escolas, com um método comum a todas elas (Fábio Hermman<sup>1</sup>). Como podem perceber essa mistura psicanalítica poderá ter suas conseqüências. Mas dentre essas influências haverá certa predominância dos autores franceses porque em minhas descobertas os reconheci como os responsáveis por dar à adolescência um estatuto teórico dentro da psicanálise, e

---

<sup>1</sup> Este autor propõe pensar a psicanálise a partir do método psicanalítico, que seria comum a todas as produções e escolas psicanalíticas.

porque minha proximidade com outras bases teóricas se deu mais ao final da pesquisa, não sobrando tempo para o aprofundamento nas águas inglesas.

### **O Objeto da Pesquisa: transição à vida adulta?**

Enquanto adolescente, no auge da minha indignação e revolta, não conseguia entender quem eram os adultos. Nessa época acreditava que quando eu fosse uma adulta faria tudo diferente, comigo as coisas seriam bem melhores e os adolescentes sofreriam menos com adultos mal acabados e desiludidos, e percebo hoje, na clínica, que essa é uma desilusão comum nos corações adolescentes.

Depois de formada em psicologia, quando teoricamente estaria ingressando no mundo adulto, descobri que essa tarefa é bem mais complicada do que simplesmente adquirir uma certa idade ou diploma universitário. Meu primeiro trabalho foi com adolescentes, quando passei a ocupar um outro lugar, bem difícil de sustentar, aquele de quem pretende oferecer amparo e escuta ao adolescente. Os adolescentes que acompanhei se mostravam num profundo desamparo, não havia pessoas que pudessem acompanhá-los em suas peripécias auto-destrutivas. E foi então, no contato com o desamparo adolescente, que pensei sobre o lugar dos adultos; a relação de meninos e meninas com seus pais, professores e instituições passou a ser objeto de observação.

Este pode ser considerado o acontecimento psíquico que levou à construção dessa investigação, pois foi nesse momento que o tema foi tomando conta de mim. A instituição onde eu trabalhava tinha objetivos educacionais e sociais e era considerada um 'centro de formação': lugar onde adolescentes de classe baixa e pertencentes a famílias 'desestruturadas' eram recebidos para que fossem afastados do perigo das ruas. Esses meninos e meninas eram recebidos em período oposto ao escolar, pois era

entendido pelos adultos e responsáveis (pais, instituição e Estado) que ficar muito tempo em casa pudesse ser prejudicial, seja porque estariam sozinhos sem supervisão de adultos, seja porque os pais não consideravam que tinham muito a lhes oferecer e precisavam ‘aprender mais’. A ideia era, de forma geral, preencher o tempo, o máximo possível, pois havia a certeza de que fariam ‘besteira’ caso ficassem sem nada para fazer.

Curiosa essa ideia! Na época não tinha clareza disso, apenas pensei que, sendo assim, me ofereceria enquanto uma pessoa interessada por eles, pelo o que pensavam de si mesmos e do mundo. Desempenhei então um projeto de oficinas que denominei “*Educação para Cidadania e Adolescência*”. Procurei construir um espaço de reflexão sobre a adolescência e trabalhar temas como sexualidade, drogas, trabalho, direitos e deveres, polêmicas nacionais e violência. Foi um trabalho interessante porque pude ouvir o que eles pensavam sobre sua condição adolescente e também me oferecer como referência, uma pessoa em que pudessem confiar.

Nesta época meus estudos se voltavam para perspectivas da psicologia social, educação, políticas públicas para jovens e também para a Sociologia da Juventude. Foram muitas leituras sobre intervenções de psicólogos, reflexões sobre família, violência, sobre comportamentos como o ficar, as tatuagens e *pirings*, questões como escolha profissional e diferenças de classe entre os adolescentes. Na ocasião me interessei muito sobre o sujeito adolescente e o modo como ele era afetado pelas mudanças sociais mais recentes, como aumento da violência, transformações na configuração familiar e outros. Uma virada nessa perspectiva psicossocial estava por vir.

Apesar do interesse em políticas públicas para juventude, no ambiente escolar e nos comportamentos excêntricos dos jovens, eu sentia que não alcançava meu objeto e

que alguma coisa ainda me escapava. Concomitantemente eu fazia minha análise pessoal e me interessava por eventos em psicanálise. Meu interesse pelo mundo psíquico foi se esclarecendo e, com a introdução no conhecimento psicanalítico, pude me aproximar do meu objeto.

Escrevi meu ante-projeto de pesquisa para a seleção do mestrado em Psicologia Aplicada do Instituto de Pós-Graduação da Universidade Federal de Uberlândia para a linha de pesquisa Psicanálise, Psicopatologia e Cultura. Nele minha intenção era perceber como era para os jovens construir um projeto de vida, uma perspectiva de futuro em um mundo imediatista e individualista.

Para a escrita do mesmo, percebi em minhas leituras certo ar apocalíptico, por parte dos autores, ao descreverem uma juventude despedaçada, desprovida de ideais e perspectivas. São perspectivas que tratam essencialmente sobre a vida contemporânea, ou pós moderna, e articulam as possibilidades de subjetivação que restariam aos jovens como frutos da sociedade do espetáculo, individualista e globalizada. Esse foi o outro acontecimento psíquico que propulsionou minha investigação. Essas minhas colocações não foram aprofundadas a ponto de fazer aqui uma discussão sólida. Entretanto, minhas críticas me impulsionaram a pensar sobre o que eu queria dizer quando se tratava de adolescência. Na minha experiência não havia adolescentes desesperançosos e sem ideais, havia sim um desamparo e uma busca intensa por um outro, algo como um endereçamento sem endereço, mas definitivamente uma procura, uma tentativa de encontro.

A partir daí meu olhar já era um olhar psicanalítico que buscava sair da dicotomia otimista/pessimista sobre a adolescência contemporânea, e por isso me perguntava: “Os adolescentes de hoje querem crescer?” e “Qual é o processo de se tornar adulto hoje? É o mesmo de 50 anos atrás?”.



Aprofundi então minhas leituras em autores com os quais me identifiquei bastante, e que, paradoxalmente, são os que defendiam uma juventude sem futuro, disso apreendi a possibilidade de se tratar de uma adolescência vista pelo viés psicopatológico. Foram textos que buscavam esclarecer o fenômeno da adolescência prolongada, entendido como uma das principais alterações sofridas na condição adolescente atual. Passei a me interessar pela juventude prolongada e pela passagem à vida adulta.

Nesse ponto decantei outro achado, a adolescência enquanto função, ou seja, a operação adolescente de Jean-Jacques Rassial (1997). A partir daí estudei a adolescência segundo este autor e apresentarei a vocês uma discussão que englobará o conceito de operação adolescente e seus elementos constitutivos como o complexo de Édipo e o complexo de castração; o conflito de gerações e os pais de adolescentes e o lugar do outro. Através do que aprendi com Rassial (1997), principalmente no que se refere à sua visão da adolescência enquanto função psíquica de passagem, pude querer saber ainda mais e aprofundar na busca pelo objeto.

A partir daí pensei na vida adulta, principalmente nos pais dos adolescentes, e então construí com a ajuda de Maria Rita Kehl (2007) uma discussão sobre o lugar de adulto nos dias de hoje. A pesquisa se delineou enquanto um estudo sobre o conceito de adolescência e suas relações com a vida adulta. Construí uma apreensão de que nossa condição pós-moderna de existência acrescenta ao psiquismo tarefas cada vez mais complexas e que, nesta compreensão, vida adulta e adolescência se tornaram interdependentes e por isso, a adolescência passou a ter uma função de trânsito na vida adulta, se colocando como presente e necessária aos adultos de hoje. O conceito de adolescência tem, hoje, outras funções além de efetuar a passagem para a vida adulta. A

‘invasão’ da adolescência na vida adulta instituiu uma função psíquica de trânsito e, ainda causou uma subversão no lugar do Adulto.

A partir daí a pesquisa psicanalítica começou a fazer sentido para mim, pois ao me questionar sobre a transição me aproximei do meu objeto, sempre fugidio. Esse é o objeto de pesquisa de um pesquisador em psicanálise, um objeto que quando parece estar delimitado e assegurado escapa nos deixando atônitos e inseguros quanto ao lugar em que chegaremos. E foi assim que a transição à vida adulta adentrou na minha pesquisa como objeto e passei a querer saber se a função da adolescência ainda é operar tal transição.

Diante do que foi dito, o envolvimento com adolescentes, a experiência própria de transição e atração pelo mundo adolescente e, ainda, a formação em pesquisa psicanalítica apontaram o objetivo dessa investigação, que se apresenta como uma atividade de pensar constante, não se preocupando em comprovar ou atestar, mas em apresentar os desdobramentos desse fazer-pensar sobre a adolescência. A adolescência, em sua íntima relação com a vida adulta pós-moderna, teria outra função para além da passagem? Seria a adolescência uma função de movimento psíquico e trânsito permanente e ativo na vida adulta pós-moderna? Quais as consequências da entrada da adolescência na vida adulta contemporânea?

## Capítulo 1 - Adolescência: Filha da Modernidade

Maio [de 1968] revelou que o subsolo da sociedade  
estava minado.

A juventude, elo mais frágil da sociedade, [...] sentiu  
o mal estar do tempo.

**Edgar Morin**

A juventude hoje trata de um contingente populacional conectado ao mundo contemporâneo, de dinamismo único, de mudanças velozes e intensas, e de ideais enfraquecidos. A adolescência é filha da modernidade e de suas transformações e por isso podemos deduzir que as condições pós-modernas incidirão nela alterando seu conceito e sua função. Neste mundo, a dúvida radical se tornou a herança deixada aos mais novos habitantes da civilização. Alimentada pelo desenvolvimento extremo do pensamento científico e pela reflexividade da sociedade moderna, a dúvida radicalizada faz parte da forma contemporânea de viver nos levando a considerar todo conhecimento como hipotético e provisório, sujeito à constante revisão por um novo conhecimento ou informação. A modernidade institucionalizou a “dúvida radical” (Giddens, 2002, p. 10) e em condições de modernidade tardia o *eu* deve ser construído reflexivamente em meio a uma gama de possibilidades. As transformações das instituições modernas alteram a natureza da vida social cotidiana afetando os aspectos mais essenciais da existência (Giddens, 1991).

O mundo da alta modernidade, como diz Giddens (2002), é repleto de riscos e perigos de tal forma que vivemos num estado permanente de crise. Essa condição permanente de crise, aliada ao processo de “encontrar-se a si mesmo” (Ibid, p. 19), em que intervenção e transformação são processos ativos intermitentes, penetram no centro da “auto-identidade” (Ibid, p. 19), e dos sentimentos pessoais afetando as formas de

existência dos indivíduos. Segundo Giddens (2002), as relações pessoais, oferecem, hoje, a oportunidade de expressão e de intimidade ausentes nos contextos tradicionais, porém são vistas como arriscadas e perigosas já que se tornaram móveis, instáveis e “abertas” (Ibid, p. 19). Num contexto em que o risco afeta tão intimamente os indivíduos, para Giddens, a ansiedade acontece naturalmente. Frente aos riscos e à aleatoriedade das circunstâncias muitos vivem uma “apatia resignada” (Ibid, p. 20). O lugar em que vivemos é um ‘mundo em disparada’, não só no que se refere às mudanças sociais, mas também em amplitude e profundidade, pois as mudanças afetam as práticas sociais e os modos de comportamento mais do que qualquer sistema anterior (Giddens, 2002).

Na vida pós-moderna a dúvida se relaciona com a liberdade, a possibilidade de “ter muitas convicções” e ser livre passa a significar não a possibilidade de não se acreditar em nada, mas sim a de acreditar em muitas coisas. Temos a consciência de que há muitas crenças igualmente importantes e que escolher uma delas não deixa o escolhedor livre de suas conseqüências, e ainda que “ter escolhido não significa ter determinado a matéria da escolha de uma vez por todas, nem o direito de botar a consciência para descansar” (Bauman, 1998, p. 249). A liberdade individual amplamente difundida e celebrada passa a ser o que melhor caracteriza a condição pós-moderna, “onde o desejo de tirar a liberdade se encontra com o desejo de concedê-la” (Ibid, p. 250).

Para Bauman (1998), quando Freud escreveu “O Mal Estar na Civilização” (1930[1929]), estava se referindo à sociedade moderna, a única a pensar em si mesma como uma atividade da cultura. Nesse texto Freud coloca a renúncia aos instintos como o principal pilar no desenvolvimento da modernidade, sem ela não há como vivermos

em sociedade. Hoje em dia, entretanto, de acordo com Bauman (1998), a liberdade individual ameaça a coletividade:

Os mal-estares da modernidade provinham de uma espécie de segurança que tolerava uma liberdade pequena demais na busca da felicidade individual. Os mal-estares da pós-modernidade provêm de uma espécie de liberdade de procura do prazer que tolera uma insegurança individual pequena demais (Bauman, 1998 p.10).

A liberdade individual se desdobrou numa outra característica da vida pós-moderna, que é o “estilo de vida” (Giddens, 2002, p. 12), uma noção que vai além do consumismo superficial, determina as identidades e nos obriga a escolher. O estilo de vida se define por práticas que não preenchem somente necessidades utilitárias, mas que dão forma material a uma narrativa particular de “auto-identidade” (ibid, p.13). Segundo Giddens (2002), são as rotinas incorporadas em hábitos de vestir, comer, modos de agir e lugares preferidos para se encontrar com outras pessoas; escolhas que ultrapassam o simples consumismo e passam a definir quem somos.

Um estilo de vida envolve um conjunto de hábitos e orientações que têm uma certa unidade; que é importante para a sensação de continuidade ontológica e se articula com a auto-identidade em condições de modernidade tardia. A seleção de determinado estilo de vida é influenciada por pressões de grupo, pela visibilidade de modelos, assim como pelas circunstâncias socioeconômicas.

A condição pós-moderna de existência é ter sempre uma pluralidade de escolhas cotidianas, aparentemente banais, mas que definem o seu estilo de vida. Seu estilo de vida diz quem você é, com quem anda e o que faz da sua vida; sendo que todos são

obrigados a ter um estilo de vida, pois as escolhas são diárias e influenciam hábitos como a alimentação e vestuário. O estilo de vida nunca é tão fortemente valorizado do que quando somos jovens em busca de uma identidade. Dessa forma, em condições pós-modernas de existência o estilo de vida constrói as identidades e denota ainda o quanto nossa sociedade é permeada por um funcionamento adolescente, uma vez que tem o poder de definir quem somos a partir da escolha do que vestimos, do que comemos ou de dos lugares que frequentamos.

A juventude foi, por muito tempo, a benfeitora do mandato moderno de progresso. O imperativo ‘seja livre’ organiza a constituição da subjetividade moderna e ser jovem e livre, nessa sociedade, significa a possibilidade de redenção dos homens, a construção de um futuro glorioso que realizará o projeto moderno. A queda de ideais utópicos que previam uma sociedade em constante evolução atingiu em cheio aos adolescentes. De encarregados de um futuro promissor, responsáveis pela evolução da espécie e continuação do projeto humano, passaram a alienados, subjugados, dependentes e incapazes de conduzirem suas próprias vidas, estagnados a uma condição de espera, a condição adolescente.

A incerteza do ambiente trouxe profundas transformações no que concerne à forma como os indivíduos apreendem a temporalidade. O alto grau de incerteza, as mudanças cada vez mais velozes e os imperativos de gozo, performance e imediatismo estabelecem uma nova perspectiva de futuro na qual este se confunde com a realidade cotidiana. Para os jovens pode parecer insensato adiar satisfações e investir no futuro.

Leccardi (2005), em trabalho intitulado “Para um novo significado do futuro mudança social, jovens e tempo”, fala sobre a relação da juventude com a hipermodernidade e sua forma peculiar de apreensão do tempo. Ela trabalha com um

termo denominado de “diferimento de recompensas” (p. 36), que estaria relacionado à capacidade humana de adiar uma satisfação projetando-a no futuro. Para ela, a realização desse mecanismo é crucial no processo de tornar-se adulto, isto porque, por definição, a juventude é uma condição provisória, é ela mesma uma aposta no futuro.

A contemporaneidade e seus riscos difusos incidem sobre a capacidade de apreender o tempo que passa a tender à fragmentação. E indo além, ela nos diz que uma perspectiva de futuro alarmista e arriscada impede a construção de narrativas biográficas nas quais eventos passados determinam e se relacionam a outros que virão. A temporalidade se modifica, uma vez que o futuro perde sua potencialidade, que fica condicionada ao tempo presente ou ao “presente estendido” (p. 45), sendo este o representante da máxima satisfação pessoal.

O presente estendido surge num contexto de desvalorização funcional do futuro e passa a ser o horizonte temporal da contemporaneidade. Leccardi (2005) ao citar Helga Nowotny (1994), afirma que esta autora aprofundou o conceito de presente estendido enquanto “espaço temporal que bordeja o presente” (p. 45). O termo adquiriu um valor crescente, paralelamente à aceleração temporal contemporânea, favorecida pela velocidade dos tempos tecnológicos e pela exigência de flexibilidade que é seu corolário. O presente se torna o novo tempo da ação, a única dimensão temporal para definição das escolhas, o horizonte temporal que inclui e substitui futuro e passado.

Pensando no alto grau de incerteza a que estamos submetidos, Leccardi sugere que o ideal de futuro se confunde com a realidade cotidiana, o que causa um déficit na ideia de um projeto de vida. A autora sugere ainda que as subjetividades contemporâneas tenham uma tarefa a mais do que renunciar a satisfações imediatas, uma vez que elas deveriam também estar versadas a aproveitar o instante como se este

fosse o último, não fechando a porta para o imprevisto, estando dispostos a todo momento a uma indeterminação carregada de potencialidade.

Nessa perspectiva, o tempo presente é uma dimensão que prepara para o futuro e, por isso, o tempo de vida juvenil é um tempo de espera ativa de transição positiva para a vida adulta. A identidade da pessoa se constroi numa projeção de si no tempo vindouro, e assim o passado adquire sentido e a frustração atual é tolerada em prol de um futuro que virá. A condição pós-moderna de existência é atravessada pelo imperativo de satisfação pessoal (individualismo), pela pluralidade de escolhas (liberdade), pelos riscos difusos e por uma temporalidade acelerada que incide na construção de projetos de vida de forma a esvaziá-los de sentido e razão de existir.

As transformações da sociedade atual, incluindo a forma de assimilação do tempo, colocaram em questão a própria fase de vida juvenil. O processo de desinstitucionalização do curso da vida<sup>2</sup> traz o desaparecimento da identificação da juventude enquanto um conjunto de etapas de transição ao mundo adulto. A juventude como fase de transição permitia pensar a identidade individual e social, possibilitadas pela relação com as instituições sociais com suficiente credibilidade e não fragmentadas. Hoje as instituições sociais continuam cadenciando o tempo, mas desapareceu sua capacidade de garantir aos sujeitos uma dimensão fundamental na construção da individualidade e continuidade biográfica (Leccardi, 2005).

Os fundamentos modernos se encontram em decadência, como os grandes ideais de liberdade, a crença no progresso humano, as grandes instituições como o Estado e a

---

<sup>2</sup> Numa temporalidade linear encontramos ‘biografias normais’, institucionalmente orientadas, “Tornava-se adulto, em sentido pleno, aquele que tivesse percorrido o trajeto que previa, em uma sucessão rápida, ‘etapas’ como a conclusão dos estudos, a inserção no mundo do trabalho, o abandono da casa dos pais para morar independentemente, a construção de um núcleo familiar autônomo e o nascimento dos filhos. Hoje, embora esses acontecimentos ainda devam, em algum momento, verificar-se, desapareceram tanto sua ordem e irreversibilidade como a moldura social que lhes garantia seu sentido global.” (Leccardi, 2005, p.48)



família nuclear burguesa. Juntamente a isso, assistimos à ascensão das novas tecnologias, biotecnologias e globalização. São mudanças que trazem conseqüências para a vida humana inclusive no que se refere à sua duração. O prolongamento da expectativa de vida modificou a concepção de idades ou fases da vida que antes eram bem delimitadas e asseguradas socialmente. Surge o interesse em saber mais sobre as idades da vida em condições pós-modernas de existência. Aqui nos interessamos pela transição da adolescência à vida adulta, porém pensamos que todas as transições foram modificadas cada uma à sua maneira, por isso a seguir discutiremos um pouco sobre as idades da vida na sociedade pós-moderna.

A vida moderna se baseia num modelo ternário do ciclo da vida composto por infância, vida adulta e velhice. Nele a juventude pode ser entendida enquanto a fase da vida que antecede à vida adulta, configurada enquanto um tempo socialmente determinado, de resolução de conflitos e de aquisição de recursos psíquicos e sociais que conduzirão o jovem à condição de adulto. Segundo Foracchi (1972), o ciclo de vida cadenciado tem sérias repercussões sociais e psíquicas, cadenciamento que garante a continuidade da sociedade e coloca o jovem como agente de renovação do patrimônio cultural. Nessa perspectiva, a juventude é um elo geracional, importante, pois assegura a ligação entre o velho e o novo.

Foracchi (1972) ainda afirma que quando colocamos a condição adulta enquanto destino da adolescência assumimos implicitamente que a existência humana é marcada pela definição das idades, pelo ritmo biológico do envelhecimento e pela duração limitada da vida. O jovem, através de sua capacidade e especificidade subjetiva, é visto como sujeito aberto aos processos de criação, com disponibilidade psicológica e social para a liberdade, a busca e a improvisação, desde que as etapas da vida estejam bem

delimitadas e os adultos forneçam condições para o conflito de gerações (Foracchi, 1972).

Na contemporaneidade, o conflito de gerações tende a desaparecer; o declínio da autoridade paterna, aliado a transformações sociais, refletem numa relação entre jovens e adultos na qual a diferença de idade é, muitas vezes, desprezada em prol de um ideal cultural de juventude. Começamos a pensar que a adolescência seja, hoje em dia, algo além de uma fase da vida, mas ainda não entraremos nessa questão, continuemos um pouco mais nossa discussão sobre as fases da vida, buscando entender onde isso começou.

Philippe Ariés no célebre “A História Social da Criança e da Família”, já dizia que no século XVI e XVII não havia interesse pela identidade civil da forma que temos nas sociedades modernas. Ele aponta a grande importância que damos à identidade e à data de nascimento dos indivíduos, por exemplo. Segundo Ariés (1981), todos os equipamentos e modos de funcionamento societários giram em torno das idades da vida; em uma viagem, por exemplo, é imprescindível a data de nascimento, a carteira de trabalho, a identidade e o CPF (Cadastro de Pessoa Física). A influência e determinação das idades da vida no funcionamento societário se iniciam com o desenvolvimento industrial.

De acordo com Peralva (1997), na era industrial é solidificado o processo, nomeado de “cristalização das fases da vida” (p. 16), pois é a partir do industrialismo que o Estado toma a si de forma voluntária e sistemática a proteção do indivíduo, e a escola se torna no século XIX uma instituição obrigatória e universal. E é nesse momento histórico que, “mais do que nunca, a cristalização das fases da vida se especifica como elemento da consciência moderna”. (Ibid).

A cristalização das fases da vida é entendida como contemporânea à escolarização, que supõe a separação entre seres adultos e seres em formação. Transformações essenciais na ordem familiar, principalmente a constituição da família nuclear burguesa, introduziram a separação entre âmbito familiar e mundo exterior. A escolarização e o sentimento familiar compõem o cenário propício para a cristalização das idades da vida. Outro fator decisivo nesse processo se apóia na progressiva exclusão da criança do mundo do trabalho; à medida que a escolarização foi se difundindo, segmentos mais amplos da população retardaram a entrada no mundo adulto. De acordo com a autora, a escolarização avançou contra o trabalho, contribuindo para a modulação das idades da vida e indo além, se tornando o verdadeiro suporte da família contemporânea. A definição da infância e da juventude enquanto fases da vida não é apenas uma construção cultural, mas também uma categoria administrativa, jurídica e institucional (Peralva, 1997).

Depois de definidas as fases da vida, elas não são autônomas, pelo contrário são interdependentes e hierarquizadas. A hierarquia provoca uma tensão que exprime o alicerce maior da modernidade, em que há uma tensão entre a lógica moderna de orientação para o futuro e de valorização da renovação e a lógica de fundamento normativo da modernidade que afirma o contrário, a primazia do passado enquanto elemento de significação do futuro. Nessa perspectiva cabe ao passado, ou seja, a ordem social já construída, domesticar, sem destruir, os elementos de transformação e modernização inerentes à vida moderna.

É neste ponto que a educação exerce uma função definidora, já que no mundo moderno ela é o principal representante da ordem conservadora, pois através dela o velho se impõe ao novo, o passado informa o futuro. Essa definição cultural da ordem

moderna define também as relações entre adultos e jovens, definindo o lugar no mundo de cada idade da vida.

Peralva (1997) segue seu texto ponderando sobre as oposições entre as gerações na contemporaneidade. Segundo ela, a diferença entre gerações desaparece no cenário atual e, citando Mead (1979), afirma que é justamente a aceleração das transformações sociais que criaram a distância entre as gerações dando-lhes uma identidade geracional. Entende que a identidade geracional deriva de uma tensão entre duas ordens de significados expressos por gerações diferentes e a tensão geracional pode se dissolver em dois contextos sociais: quando as modificações no mundo são muito lentas ou quando são muito aceleradas. Vivemos o prosseguimento acelerado das mesmas transformações históricas que construíram a distância entre as gerações; tal aceleração, paradoxalmente, é a responsável pela impossibilidade da consciência geracional nos dias de hoje.

Havia, portanto uma definição institucional do percurso etário previsível e normatizado. E hoje esse ciclo de vida ternário, sob a influência da reestruturação da proteção social, sofre duas transformações fundamentais: uma descronologização do ciclo da vida e sua desestandardização. Compreendemos assim que nossa sociedade abre mão das referências cronológicas ao adotar referências funcionais para balizar os limites entre as idades e o processo de descronologização leva a um ordenamento impreciso, aleatório e não controlável.

Mas, para Peralva (1997), não se trata apenas de aceleração da mudança social. De acordo com seu pensamento, estaríamos falando de uma verdadeira mutação biológica do ciclo da vida, introduzida a partir de uma elevação importante da expectativa de vida, que já dobrou em menos de um século e cujo processo de

alongamento tende a continuar. Desse ponto de vista, a definição das fases da vida, pontuada em seus extremos pelo nascimento e pela morte, sofre também uma alteração profunda, cujas consequências permanecem ainda indigestas.

Segundo ela, seria ilusório pensar que essas mudanças são acompanhadas de uma atitude mais tolerante em relação às idades. O que temos é a valorização da juventude enquanto estilo de vida e mercado consumidor, a importância dos meios de comunicação e o crescimento do consumo de massa contribuem para essa juvenização. A autora afirma que o adulto vive sob o impacto de um modelo de sociedade decadente, e que o jovem vive um mundo inteiramente novo cujas “categorias de inteligibilidade” (Ibid, p. 23) ele ajuda a construir. Segundo ela, estamos numa nova sociedade em mutação.

As idades da vida foram alteradas, por questões históricas, sociais e biológicas. E, em meio a essas transformações nos perguntamos sobre a adolescência, principalmente no que se refere ao seu fim. Queremos saber de que forma a adolescência é atingida, pois consideramos que até 50 anos atrás o ingresso no mercado de trabalho e a constituição da família eram os parâmetros que definiam o ingresso na vida adulta. Questionamos sobre quais são os parâmetros para se definir a idade da vida em que se deixa de ser adolescente e torna-se adulto num momento histórico como o nosso, em que a constituição da família é diferente, podendo nem mesmo acontecer, e as relações de trabalho não são mais as mesmas, com altos índices de desemprego e de competitividade que obrigam à permanência na casa dos pais.

## Capítulo 2: Eu Não Quero Crescer: A Adolescência Prolongada

*“I Don't Want To Grow Up”*

*When I'm lyin' in my bed at night*

*I don't wanna grow up*

*Nothing ever seems to turn out right*

*I don't wanna grow up*

*How do you move in a world of fog that's always*

*Changing things*

*Makes wish that*

*I could be a dog*

*Seems that folks turn into things that they*

*Never want*

*The only thing to live for is today...*

*I don't wanna grow up...*

(Tom Waits<sup>3</sup>, 1992)

O trecho da música acima ilustra um dos impasses vividos por muitos adolescentes na atualidade: “eu não quero crescer”. Afinal de contas diante de um mundo que muda o tempo todo e em que a vida adulta não é muito atraente, quem poderia *querer* crescer? Crescer parece tão difícil e os “crescidos” não parecem satisfeitos com o que são. Como ultrapassar a adolescência numa cultura que busca o eterno gozo? Quais as implicações psíquicas do processo de tornar-se adulto hoje? Essas interrogações são as propulsoras deste capítulo que pretende discutir a transição à vida adulta na cultura jovem em que vivemos.

---

<sup>3</sup> Música completa e traduzida em anexo.

Recentemente a Sociologia do Trabalho criou uma categoria de trabalhadores interessante de se pensar, a geração Y, nascida a partir de 1978 e que são definidos da seguinte maneira:

Folgados, distraídos, superficiais e insubordinados. Concebidos na era digital, democrática e da ruptura da família tradicional, essa garotada está acostumada a pedir e ter o que quer" (...) "eles cresceram em uma década de valorização intensa da infância, com internet, computador e educação mais sofisticada que as gerações anteriores. Sabem trabalhar em rede e lidam com autoridades como se eles fossem um colega de turma (Loyola, 2009).

A geração Y é utilizada aqui como um representante de algo que vem se modificando nas gerações mais recentes, algo que comportamentalmente já foi identificado, nomeado e categorizado: a juvenização da cultura. Essa nova geração é 'desencanada' de cerceamentos, de preconceitos e aceita, por exemplo, que uma família pode ser composta de diferentes maneiras, inclusive com duas mães ou dois pais. Trazem consigo novas concepções de trabalho, para a nova geração o trabalho deve ser prazeroso, divertido, trazer realização pessoal e que, se isso não acontecer, sempre há a possibilidade de mudar, tentar de novo. Esse é o lado positivo de uma geração criada após as revoluções de 60; entretanto, nos deteremos aqui num outro viés, nos adolescentes estendidos, jovens que não querem (ou não conseguem?) crescer frente a um ideal adulto falido de condição de vida.

Compreendemos que a adolescência foi 'abraçada' pela sociedade e por sujeitos não-adolescentes, revelando que o conceito possui funções que vão além da passagem da adolescência para a vida adulta. Alguns dos jovens de hoje seriam vistos como sujeitos que prolongam sua adolescência e que por isso estão estagnados, presos a uma

adolescência sem fim. Mas ao mesmo tempo temos jovens adultos que encontraram uma forma de subjetivação na qual ser adulto nos dias de hoje comporta uma função adolescente viva (geração y?). Seguindo essa linha de pensamento, afirmamos haver em contínuo processo na contemporaneidade: a elaboração de novas formas de vida adulta na qual a adolescência seria um operador psíquico de destaque, mas retornaremos a isso com ênfase no capítulo final. Por enquanto convidamos o leitor a compartilhar de algumas considerações que nos levaram a refletir sobre a dificuldade de transição à vida adulta.

A música de Tom Waits (1992), no início do capítulo, afirma que a vida adulta, como é conhecida, não parece um futuro atraente, pelo contrário, ser adulto muitas vezes, é sinônimo de monotonia, ausência de criatividade e coleção de fracassos. Além disso, muitos jovens constatarem que seus sonhos e ideais precisam de um ajuste frente às oportunidades existentes, o que pode levar alguns deles, que não enxergam nos adultos as possibilidades de realização de sonhos e ideais, a vivenciar um vácuo existencial. Uma adolescência sem ideais pode ser devastadora para o psiquismo.

O ideal Adulto moderno de integração, realização pessoal e autonomia, se mostrou frágil quando as mudanças sofridas nas relações de trabalho e família atingiram o corpo social. A geração atual nasceu submetida ao imperativo cultural de máximo desempenho e de decadência desses referenciais, cenário em que se desenrolam condições psíquicas estagnadas e o fenômeno da adolescência prolongada. Parecem perdidos em meio a ideais volúveis e a um futuro sempre mais imediato, se percebem sem referências do que é ser adulto e não enxergam razões para ultrapassar a adolescência.



A juventude e seus impasses são motivo de pesquisas, debates, criação de mecanismos e regulamentos, além de ser assunto recorrente na mídia e preocupação por parte de toda a sociedade. Uma das preocupações em voga ao se tratar de juventude e adolescência é um fenômeno que vem sendo chamado por alguns de *prolongamento da adolescência ou adolescência estendida*. Pretendemos expor algumas das várias perspectivas que abordam o assunto, e atestar o amplo reconhecimento científico quanto ao prolongamento da adolescência na atualidade.

O site de busca Google nos fornece aproximadamente 1.070.000 resultados sobre a expressão “prolongamento da adolescência”. Uma breve navegação na internet nos permite acessar inumeráveis referências de pesquisas, projetos, atividades políticas, econômicas e sociais que se voltam para a situação da juventude, não somente brasileira, mas também mundial. Temos, por exemplo, no Brasil, o Plano Nacional de Juventude (PL 4.530/04), destinado aos jovens brasileiros com idade entre quinze e vinte e nove anos, que visa regulamentar e garantir a realização de políticas públicas para a juventude. Essa ‘onda de preocupação’ é ilustrada por outras iniciativas como os observatórios que trazem informações sobre programas, projetos, pesquisas, serviços e diversas outras formas de acesso à condição juvenil. Localizamos no Observatório da Juventude da UFMG mais de 190 referências de artigos, teses, dissertações, monografias, revistas, cartilhas, anais e manifestos que discorrem sobre as mais diferentes problemáticas em torno da juventude. Uma ‘onda jovem’ que se deve, em grande parte, à explosão da taxa de natalidade que ocorreu no início da década de 80, levando a um significativo aumento da população juvenil no final do século XX e início do século XXI (Matheus, 2003).

O processo de socialização vem sendo alterado pela sociedade contemporânea caracterizada pela aceleração, pela velocidade, pelo consumo, pela satisfação imediata

dos desejos, pela mudança das relações familiares e da relação criança/adolescente/adulto. Na contemporaneidade há uma maior liberdade e autonomia para os jovens e uma diminuição da autoridade e controle paternos. Exalta-se a juventude, fazendo com que os mais velhos desejem ser jovens e que as relações entre pais e filhos se transformem, com os pais perdendo a posição de autoridade.

O prolongamento da adolescência na sociedade atual é fruto de mudanças culturais como o adiamento do tempo de estudo, da entrada no mercado de trabalho e da constituição da própria família. As condições atuais implicam uma longa transição do período de adolescência e juventude para a idade adulta, fazendo com que os estilos de vida sejam experimentados. A falta de autonomia financeira e o desemprego contribuem para que os jovens permaneçam mais tempo com os seus pais.

Salles (2005) considera que algumas das dimensões que caracterizam a infância e a adolescência na sociedade atual, como o nível de acesso ao consumo permitido às crianças e aos adolescentes, a informação não controlada, o nível de simetria das relações entre crianças, adolescentes e adultos e na relação pais e filhos, a insegurança dos pais quanto à imposição de limites, podem ser parâmetros possíveis para pautar a discussão sobre o assunto. Para ela é necessário fazer um reexame do processo de transição da infância e da adolescência para a fase adulta na sociedade contemporânea, o que está intrinsecamente ligado a uma nova leitura das fases da vida.

A importância dos adultos no processo de transição do sujeito adolescente rumo à vida adulta fica bastante clara na pesquisa de Leitão (1996). A autora defende a ideia de que os pais, ou seja, os adultos são em grande parte responsáveis pelo adiamento do início da vida adulta de seus filhos. A investigação apontou o luto familiar e a diferença das experiências juvenis atuais em relação a experiências juvenis da geração precedente

como fatores de grande relevância no processo de separação subjetiva entre pais e filhos. Foi realizada uma pesquisa de campo composta de entrevistas com 12 jovens com idades de 17 a 21 anos e seus respectivos pais, totalizando 24 entrevistas. A autora mapeou os mecanismos que os pais utilizam consciente ou inconscientemente para protelar a separação subjetiva de seus filhos, prolongando a adolescência dos mesmos. Para isso levantou alguns pontos na dinâmica familiar que se relacionam diretamente com o prolongamento da adolescência, como: dificuldades dessas famílias com relação às fases finais da adolescência, quando os pais desejam adiar o estabelecimento de papéis adultos por parte de seus filhos através da exaltação dos aspectos prazerosos da adolescência e da negação de seus conflitos; dificuldades em lidar com a sexualidade dos filhos; a existência de uma relação de ‘cumplicidade’ entre pais e filhos; a absorção familiar dos amigos dos jovens; a supremacia de direitos e evitação de deveres em família; e ainda um ‘jogo financeiro familiar’ que desprepara o jovem para a autogestão de seu dinheiro e da supervalorização da imagem do adolescente, gerando a elaboração de projetos de difícil implementação (Leitão, 1996).

A pós-modernidade trouxe transformações sociais cruciais ao desenvolvimento do psiquismo e estas levaram a um prolongamento real da adolescência. Segundo Birman (2008), a adolescência vem sendo esticada em seus dois pólos, iniciando cada vez mais cedo entre as crianças, condicionadas a imperativos de desempenho, e com seu término cada vez mais distante, incluindo na categoria os que antes eram chamados de jovens adultos. Para ele a fronteira entre o que chamávamos de adolescente e adulto jovem se apagou, e agora temos apenas o termo adolescente para designar o lugar do jovem na atualidade. Ao se ponderar que o jovem vive numa sociedade considerada de risco, em que o futuro está em crise, os laços sociais são líquidos e as instituições fragmentadas, surge a constatação de que há uma maior defasagem entre os anseios

juvenis e as oportunidades dadas aos mesmos. Em “Adolescência sem Fim” (Birman, 2008), coloca um panorama da juventude na atualidade e propõe uma nova leitura pelas novas condições de trabalho existentes, e que para ele, interferem na discursividade psicanalítica, que deve ser relida.

Segundo aquele mesmo autor, assistimos hoje a uma nova cartografia no campo do mercado de trabalho, imprimida pela globalização da economia e pelo ideário político-ideológico do neoliberalismo. A alta competitividade do mercado de trabalho causada pela incrementação da produtividade de empresas transnacionais aumentou ainda mais a distância entre países ricos e pobres, entre os hemisférios sul e norte. Um processo global que atingiu diretamente a classe trabalhadora, causando alta nas taxas de desemprego e devastação política e moral. Este contexto modificou as antigas formas de sociabilidade construídas desde o século XIX. A disputa por postos de trabalho acirrou o individualismo e enfraqueceu as formas coletivas de organização, por exemplo, as lutas sindicais. O desdobramento disso para nós é o desaparecimento da solidariedade enquanto valor e a banalização da injustiça social.

Para Birman (Ibid), a globalização neoliberal da economia internacional afeta diretamente a morte social de pelo menos dois segmentos sociais: aqueles que pretendem se inserir nele (jovens) e aqueles que são descartados pelo mesmo (adultos em torno dos 50 anos). As formas de subjetivação e sociabilidade na contemporaneidade são modificadas e o trabalhador de hoje deve estabelecer outra relação com os registros do espaço e do tempo. As novas modalidades de trabalho exigem flexibilidade e impossibilitam a construção de um projeto de vida em longo prazo. Há uma necessidade de se calcular incessantemente as novas relações existentes entre o tempo do presente e o tempo do futuro para se proteger minimamente das

incertezas sociais. Dessa forma, do trabalhador de hoje, exige-se uma intensa plasticidade subjetiva, uma nova relação com os registros do tempo e espaço.

Birman propõe ainda a interpretação de determinados signos como indicadores da radical transformação ocorrida na condição adolescente. Aponta que juventude e violência se tornaram pares, demonstradores da situação de precarização social e econômica que conduziu à delinquência e à criminalidade jovens de classes sociais distintas. Fenômeno que antes atingia apenas jovens de classe populares, agora afeta aos jovens de classe média, registrando-se uma criminalização da violência da juventude brasileira. Ao observar a relação da juventude com a violência, o autor interpreta o signo da não inserção social como algo mais abrangente, algo da ordem do não reconhecimento efetivo de sua potência no mundo, enquanto seres sociais. Seriam simulacros de potência, que confirmam uma juventude fragilizada em seus processos simbólicos, buscando desesperadamente o reconhecimento de si pela força e virilidade.

A análise de Birman conclui por uma adolescência prolongada, quase infinita, nos guiando a uma inquietante indagação sobre o discurso psicanalítico no que concerne a resolução do complexo de Édipo na idade adulta. “(Estamos) num outro paradigma biopolítico, presente na contemporaneidade, é o fim do Édipo o que se coloca efetivamente em questão” (Birman, 2008, p. 20).

O que podemos pensar diante disso é que o contexto social de hoje dificulta o processo de transição à vida adulta, pois quanto mais complexa se torna a sociedade, mais trabalho psíquico é exigido ao Eu, principalmente no que se refere à construção de identidade. Em nossa sociedade, as condições necessárias para a ascensão à vida adulta ficaram mais complexas, tornando a transição mais prolongada e também mais penosa.

A presença ou não de rituais de passagem em nossa sociedade e a questão da classe social são discutidos por Levisky (1998). Este autor tem uma perspectiva cronológica da adolescência, a qual não nos limitaremos, pois refletimos sobre a função psíquica da adolescência. Ele aponta que alguns operadores sociais como os rituais de passagem e classe social são facilitadores ou dificultadores da transição à vida adulta, ideia a qual compartilhamos, e, além disso, nos auxilia ao apresentar também o ideal adulto que buscamos expandir. Os rituais de passagem numa sociedade são indicados como operadores sociais facilitadores do processo de transição, eles promovem a integração do jovem à comunidade adulta (Levisky, 1998). Levisky, em seu livro “Adolescência – Reflexões Psicanalíticas”, fala sobre os aspectos sócio-culturais da adolescência e a importância dos rituais de passagem e como estes vem perdendo seu significado nos dias atuais. De origem judaica, o autor fala com propriedade sobre o *Bar Mitzvah*, celebração judaica que ritualiza a passagem da infância para a vida adulta, em adolescentes de 12 e 13 anos. Para ele, em sua essência, o ritual é um momento de alegria e de dor em que o jovem carrega para si os rolos da lei e assume compromissos com a sua tradição cultural-religiosa. Anteriormente, o ritual significava o acesso ao status de adulto, além de ser um importante marco religioso-cultural; contudo, nos dias de hoje, a cerimônia perdeu significado. Atualmente, em muitos casos, ela é apenas uma prática formal desprovida de significados e uma forma de sustentação de status econômico de determinadas famílias.

Para ele, o jovem anseia profundamente por marcos que o introduzam no mundo adulto. Mesmo em culturas nas quais os ritos de passagem envolvem dor intensa, seja ela física ou psíquica, os jovens se mostram desejosos de se submeterem a eles. Isto se dá, principalmente, pelo significado que esses rituais oferecem em termos de aptidão, dignidade, consideração e aceitação da comunidade adulta. Levisky afirma ainda que,

no exibir-se a si e aos outros, durante os rituais, o jovem constrói sentimentos de auto-estima, segurança e confiança. O contexto proporcionado pelos ritos de passagem proporciona dessa maneira uma abreviação e a resolução da crise adolescente. Podemos dizer que quanto mais complexa a sociedade maiores serão os pré-requisitos necessários para que o jovem possa integrar a sociedade adulta, tendo como consequência direta o prolongamento da transição (Levisky, 1998). Pensamos, por outro lado, que numa cultura juvenilizada como a nossa, mais necessária que a presença de rituais de passagem é a existência de uma comunidade adulta que provoque o desejo do jovem de fazer parte de algo além das comunidades adolescentes.

Numa discussão social Levisky entende que jovens de classes menos favorecidas têm sua adolescência encurtada, uma vez que, preocupados com a sua sobrevivência, têm suas experiências afetivas e intelectuais restringidas, tendo que assumir prontamente uma posição que lhe permite menos fracassar, questionar, reformular e duvidar. Ele opõe os jovens pobres ao que chama “adolescentes profissionais” (Ibid, p.29), que segundo Levisky são:

(...) indivíduos cronologicamente adultos, mas cujo processo adolescente se estende no tempo, mantendo-os num estado de dependência afetiva e econômica. O fator socioeconômico-cultural também está presente nesta situação. Podem ser jovens de famílias abastadas ou não. Alguns deles não se sentem gratificados em assumir suas responsabilidades pessoais e comunitárias. Não querem perder seus privilégios infantis e encontram respaldo na família, que se incumbirá de protegê-los, prolongando o estado de imaturidade (p.29-30).

Não é nosso objetivo aprofundar a discussão a respeito de classe social e adolescência, apenas dizemos que ao considerar adolescência enquanto operação psíquica, esse entendimento pode ser ampliado. Compreendendo que a operação adolescente é estruturante e necessária ao desenvolvimento do psiquismo, não importa os extratos sociais, tanto pobres quanto ricos necessitam dela. Os primeiros a encurtam precocemente, reprimindo “antes da hora” sentimentos e confusões necessárias ao crescimento, os segundos alongam indiscriminadamente, vivendo *ad infinitum* sem conseguir resolvê-las minimamente. Em ambos os casos a adolescência precisa ser operada psiquicamente, e ao ser estendida, temos a possibilidade de enxergar os elementos presentes nesta operação, com objetivo de entender um pouco mais sobre a condição de passagem.

Tal operação de passagem, segundo Levisky, é realizada quando o jovem adquire maturidade, independência, auto-determinação, responsabilidade e atividade sexualmente adulta. Segundo ele, essas características se somam à elaboração interna de elementos como “resolução do complexo de Édipo, por meio dos processos de identificação, de sublimação, e da organização do superego, com suas funções organizadoras e repressoras” (Levisky, 1998, p.31). Temos aqui um rastro do que é ser adulto em psicanálise, e nossa contribuição vem no sentido de ampliar essa perspectiva, apontando para a existência de uma vida adulta que coexista com a possibilidade de desarticulação dos processos de identificação e organização do superego e criação constante de novos processos.

Em um texto intitulado “A adolescência no Brasil, hoje”, o psicanalista Ruggero Levy (2007) afirma que o processo adolescente tem a característica de ser fronteiro. Assim, ele é considerado por se desenvolver nas fronteiras do psíquico e do somático, do mundo interno com o externo, do individual e do familiar, e ainda na fronteira



permanente entre o normal e patológico. Justamente por se encontrar numa posição de fronteira, cultural e psíquica, as mudanças sociais se evidenciam no adolescente com maior clareza. Essa fronteira entre o normal e o patológico continua presente, sendo mais ou menos intensamente sentida no decorrer da vida. No Brasil, percebe-se um alargamento da faixa adolescente, um prolongamento significativo, uma vez que as ferramentas necessárias para a inserção no mundo adulto estão mais distantes. O mercado de trabalho, sempre mais competitivo, exige cada vez mais habilidades e conhecimentos, tornando mais demorada a chance de se ter um trabalho digno que permita a independência financeira e o sustento de uma nova família.

Levy também argumenta que a adolescência vem sendo prolongada e que o jovem permanece cada vez mais tempo em sua família de origem. Levy (2007) ao citar Raymond Cahn (1998) assegura ainda, que podemos apontar alguns pólos de conflitos da adolescência atual: a liberdade nos costumes e, paralelo a isso, as exigências mais severas quanto à competência e desempenho; o estímulo ao consumo de produtos e a impossibilidade de possuí-los; a liberação da conduta sexual acompanhada do distanciamento da vida amorosa e da parentalidade. Para Levy, são pólos de conflito que revelam ambientes familiares em que os pais têm dificuldades em reconhecer e colocar limites entre as gerações, entre os sexos e entre o verdadeiro e o falso.

São ‘pais da contemporaneidade’ que compartilham com seus filhos o sentimento de incerteza quanto ao futuro, de precariedade e desamparo material e questionamento das instituições. Nessas famílias encontramos “os pais teen” e filhos adolescentes estendidos, sujeitos perdidos em meio a um vácuo existencial, sem ligação com a passagem do tempo, no qual o passado não constrói a história pessoal e o porvir é ausente.

A ausência de dispositivos sociais que cumpram a função exercida pelos rituais acrescentou uma tarefa a mais a ser cumprida pelo sujeito adolescente. Tal ausência coloca o sujeito diante de referências pouco claras, fazendo com que ele lide com os conflitos decorrentes de maneira singular, situação que se apresenta enquanto um trabalho psíquico mais complexo (Matheus, 2003). O esmaecimento dos ritos iniciáticos faz com que o sujeito tenha que responder solitariamente ao apelo de mudança e por isso a ausência de práticas societárias implica na crise adolescente. Tal acontecimento é apontado por Lopes da Silva (1999) como responsável pela formação da subjetividade moderna em que a adolescência é um momento de crise e de trabalho psíquico.

O caminho percorrido até aqui nos revela alguns aspectos interessantes sobre o fato de existirem adolescentes que “não querem crescer”. Podemos afirmar, com base nos estudos percorridos, que há uma tendência dos jovens a permanecerem por mais tempo em sua condição adolescente. Ou seja, eles buscam permanecer mais tempo na condição de filhos, adiando o momento de se tornarem os responsáveis por seus próprios destinos. Fazem isso principalmente permanecendo mais tempo nas casas dos pais. No entanto, o que salta aos olhos é essa condição adolescente estendida na qual a transição à vida adulta se dá lentamente, a perder de vista, e, muitas vezes, chegando até mesmo a não acontecer. O que nos faz ter que indagar se a imagem de vida adulta se evidencia como idealização empalidecida, à semelhança de outros tantos ideais modernos.

Podemos considerar também que o adiamento do ingresso na vida adulta é um fenômeno recente, próprio das gerações dos anos 80 e 90. Tal fenômeno tem íntima ligação com as transformações sociais ocorridas depois da década de 50, como o advento do saber sexual, a nova ordem familiar, a medicalização da sociedade, a regulação do corpo e ainda as mudanças estruturais nas áreas da educação, trabalho e

saúde. Apreendemos que o trabalho psíquico do sujeito adolescente foi incrementado por tais circunstâncias, o que nos instiga a buscar mais profundamente os elementos psíquicos que se conjugam na produção da condição de transição à vida adulta.

Depois de percorrer as questões históricas, sociais e até mesmo biológicas que se relacionam com o fim da adolescência e o início da vida adulta, partimos agora para outra perspectiva, a psíquica. Percebemos que os parâmetros sociais e biológicos não são suficientes para explicar a crise das idades da vida e sua consequente confusão na determinação dos limites de ingresso e saída. Em nosso estudo procuramos saber os parâmetros que definem a transição da adolescência à vida adulta na pós-modernidade e consideramos que os fatores psíquicos se apresentam, cada vez mais, como fundamentais para se pensar o assunto. A adolescência começa a se mostrar um conceito que vai muito além de uma fase da vida.

## Capítulo 3: Adolescência e Psicanálise

### 3.1 Breve Histórico

A adolescência enquanto paradigma social e ideal cultural é um fenômeno recente, sobretudo dos últimos 60 anos, tendo se tornado um fato social reconhecido após os movimentos sociais dos anos 60. Faz apenas um século que a adolescência se tornou um tema que justificasse a publicação de literatura específica e, assim como a infância, é considerada uma invenção da modernidade. Ao final do século XVIII a infância passou a ser objeto de investigação, tempo da vida distinto da idade adulta, miticamente feliz e protegido pelo amor dos pais, posteriormente a adolescência também herdou essa posição (Calligaris, 2000).

A adolescência surgiu como uma função necessária relacionada ao desenvolvimento da educação nas sociedades modernas, para citar um dentre outros acontecimentos que criou a necessidade de postergação na entrada do mundo adulto. A postergação instituiu um período de dúvidas, inseguranças e indeterminações, um momento de experimentação no qual comportamentos extremados são esperados. Portanto, desde seu início, a adolescência exerce uma função social na sociedade de postergação e espera.

Na psicanálise, o conceito de adolescência sofreu significativas transformações desde suas primeiras interpretações até os dias de hoje. Anna Freud foi a primeira a tomar a adolescência como tema específico. Ela formulou uma concepção fundamentada no organicismo, pois, para ela há na adolescência um desequilíbrio

quantitativo na relação entre o id e o ego, onde o id é incrementado de energia procedente das transformações fisiológicas (Matheus, 2007). A autora inaugurou uma perspectiva psicanalítica sobre a adolescência em que o determinismo endógeno impulsiona o ego a exercer uma função sintética e mediadora no psiquismo. Nessa mesma direção temos os estudos de Aberastury (1981), para quem a adolescência é uma condição de crescimento que se aplica ao período da vida compreendido entre a puberdade e o desenvolvimento completo do corpo. Essas autoras, assim como outros, marcam um período em que a psicanálise tratou da adolescência a partir de uma perspectiva em que o desenvolvimento fisiológico determina o trabalho psíquico.

Essa é uma definição moderna de adolescência, difundida por muitos autores da sociologia e da psicanálise, entre eles Philippe Áries e Erick Erickson. Ela está intimamente relacionada com a visão de desenvolvimento psicossocial fundamentada no progresso, aprendizado e adaptação do psiquismo perante desafios a serem integrados (Matheus, 2007). Matheus (2007) pontua que foi Erick Erickson (1971) o primeiro a acrescentar ao conceito psicanalítico de adolescência as determinações culturais. Erickson nomeou de “moratória psicossocial” o período socialmente aceito que define a adolescência como momento de postergação de responsabilidades, de experimentação e lazer. O principal objetivo da adolescência seria estabelecer uma identidade, função a ser executada pelo ego visando o controle, a unificação e a coesão.

Para Matheus (2007), a visão culturalista de Erickson foi uma tentativa de estabelecer uma relação entre a psicanálise endógena de Anna Freud e o relativismo cultural de sua época e que culminou na teorização de uma “identidade liberal permissiva”, onde Deus é o fundamento para a condição humana em desenvolvimento e evolução.

Essa perspectiva de adolescência teve seu lugar durante muito tempo, e para teóricos que se baseiam na concepção de que o orgânico determina o psíquico ela ainda é muito difundida. Entretanto, depois das contribuições de Lacan, os psicanalistas viram diante de si um novo campo de investigação, no qual o psíquico e sua constituição são pesquisados através da metapsicologia. O desenvolvimento da metapsicologia lacaniana permitiu que conceitos como adolescência tivessem seu espaço na teoria, e amparado nas contribuições lacanianas, como os registros RSI (Real, Simbólico e Imaginário) e o nó borromeu, recebesse estatuto de conceito psicanalítico. A partir daí é possível pensar a adolescência como uma função psíquica que vai além da concepção de puberdade.

A partir das críticas de Lacan à visão desenvolvimentista pode-se abrir um horizonte de novas pesquisas e teorizações à adolescência. A partir da teorização dos três registros da experiência Imaginário, Simbólico e Real (R.S.I), Lacan distinguiu o que é circunstancial e aleatório do que é fundante e estrutural na subjetividade. São três registros heterogêneos que constituem o aparelho psíquico, se articulam e formam o “nó borromeano”; neste três é o seu mínimo, ou seja, são interdependentes, se um se desfaz os outros também se desfazem.

Segundo Coutinho e Ferreira (2005) o entrelaçamento entre os registros cria o nó e deste surge o sintoma, entendido como efeito do simbólico no real. De acordo com eles (Coutinho e Ferreira, 2005), para se compreender o RSI é melhor começar pelo que ele não é, ou seja, o real não é realidade, o simbólico não é uma simbólica e o imaginário não é a imaginação. “A realidade é constituída por uma trama simbólica imaginária, feita portanto de palavras e imagens, ao passo que o real é precisamente aquilo que não pode ser representado nem por palavras nem por imagens: ao real falta representação psíquica” (Coutinho & Ferreira, 2005, pp.32).

De acordo com Matheus (2007), fantasias e sentimentos são da ordem do imaginário, diferentes das inscrições simbólicas que são destituídas de valor. A partir do registro do simbólico a produção infinita de significantes é possível e o Édipo passa a ser visto pelas funções materna e paterna, revelando que, no romance edípico, os personagens são menos importantes do que o lugar que ocupam.

Com a desconstrução do Édipo, realizada por Lacan, a operação de castração e a posição ocupada pelo sujeito perante a mesma passa a ser o que há de estruturante na vivência edípica. E, a partir disso, a perspectiva de integração do eu, se apresenta como uma fantasia de completude, necessária à subjetivação, pertencente ao imaginário. A fantasia de completude exerce, portanto, uma função que é legítima e necessária. Entretanto, a imagem vista é um *eu ideal* que logo se perde, denunciando as inevitáveis aberturas do eu, que ao se perceber incompleto é marcado pela necessária ferida narcísica ao *ideal de eu*.

O que era imagem mostra-se ilusório e efêmero ainda que seja condição para o confronto com a desilusão subsequente (...) É, antes, uma construção momentaneamente necessária à constituição desse eu, que se apóia na incompletude de cadeias simbólicas sempre abertas a novas produções, sustentadas por sua vez pela fragmentação pulsional que fundamenta, desde sempre, a sexualidade. (Matheus, 2007, p.204)

E foi a partir das teorizações de Lacan que um estatuto teórico pode ser dado à adolescência, não por ele, mas pelos seus seguidores. Dentre estes, mostraremos aqui as idéias de Jean Jacques Rassial como um dos mais importantes teóricos da adolescência.

### 3.2 O Complexo de Édipo e a Adolescência

Através do desenvolvimento do conceito de complexo de Édipo será possível uma construção teórica da adolescência. A ideia de que há uma revisitação do complexo é unânime nas diversas correntes psicanalíticas, por isso faremos uma apresentação do conceito com a intenção de criar uma base teórica para quando formos discutir a *operação adolescente* de Rastall (1997).

O complexo de Édipo é um conceito central da teoria psicanalítica e foi elaborado por Freud durante toda sua obra admitindo diferentes formulações. Para os estudiosos de Freud, como Miguelez (2007), o complexo de Édipo é um conceito que não deve ser considerado de maneira unívoca, sendo impossível selecionar um determinado modelo e elegê-lo como o verdadeiro, ou mesmo enquanto uma versão final. Por essa razão focalizaremos no que do conceito podemos articular com a adolescência.

Buscamos em nossa investigação descobrir as operações psíquicas que levam um adolescente a se tornar um adulto nos dias de hoje, e acreditamos que a revisitação ao complexo ainda faz parte do caminho rumo à maturidade. Compreendemos, através da teoria psicanalítica, que o complexo é “uma fábrica de subjetivação sexuada” (Miguelez, 2007, p. 15) responsável pela constituição de um sujeito desejante.

Existe um movimento psicanalítico que afirma o complexo de Édipo como operador psíquico estruturante do sujeito, ao mesmo tempo em que assegura a necessidade da presença do outro nessa estruturação. Segundo Moreira (2004), em alguns momentos, a teorização do conceito parece seguir uma sequência linear e em



outros ela configura-se enquanto uma lógica centrada na figura do *après-coup*, da posterioridade (*Nachträglichkeit*).

Estudiosos (Dantas, 2002; Moreira, 2004 & Miguelez, 2007) apontam o questionamento de Freud de sua *teoria da sedução* como um dos marcos iniciais da teorização do Édipo. A alta frequência com que eram relatados os atentados sexuais dos pais contra as crianças, os fracassos em sua clínica e a crença no inconsciente levaram-no a supor que as cenas de sedução relatadas seriam fantasias sexuais, e não fatos. Passando a admirar-se pela universal frequência com que a fantasia sexual ocupava o tema dos pais, Freud suspeitou da existência de desejos incestuosos infantis e, portanto, de uma sexualidade infantil.

No início da teorização do conceito, Freud descreveu as etapas constitutivas do Édipo no menino. Seu caso sobre o pequeno Hans foi muito elucidativo e o levou a acreditar que o mesmo acontecia com as meninas. Primeiramente falou em um Édipo positivo, caracterizado pelo amor do menino pela mãe e a rivalidade com o pai, na menina seria o inverso. Mais tarde falou sobre um Édipo invertido, nele a menina amaria a mãe e teria raiva pelo pai. Por fim, concebeu um complexo de Édipo em sua forma complexa, tanto meninos quanto meninas sentiriam amor e ódio pelos genitores do mesmo sexo e do oposto (Dantas, 2002).

O complexo de castração tornou-se central na problemática edipiana quando Freud o considerou como crucial na definição dos destinos do Édipo. A análise do pequeno Hans é apontada por Miguelez (2007) como uma das primeiras considerações significativas sobre complexo de castração. O menino que tinha fobia de cavalos sentia desejos eróticos pela mãe e hostilidade pelo pai, sentimentos que sufocados voltavam para ele na forma de sintomas. Hans desejava a morte do cavalo (pai) e por isso era

ameaçado de ser punido com a castração de seu pênis, que já era para ele o principal objeto sexual auto-erótico. Diante de sua atividade masturbatória, o pequeno Hans recebe uma ameaça de castração por parte da mãe, o que somente receberá sentido *a posteriori*. É quando seus desejos hostis com pai o fazem temer uma retaliação paterna que ele sente a angústia da ameaça de castração. Em Hans o complexo de castração tem valor central no recalçamento do seu complexo de Édipo, mas, de acordo com Miguelez (2007), ainda não é para Freud uma regra geral.

Em “Sobre as Teorias sexuais infantis” Freud (1908) utilizará pela primeira vez o termo complexo de castração. As crianças constroem teorias a fim de dar conta da sexualidade e atribuem a todo ser vivo a existência de um pênis. O menino já tem seu pênis como sua principal zona erógena e ao se masturbar é ameaçado de ser privado de seu mais importante objeto sexual, assim o espanto e a angústia darão origem ao complexo de castração. A menina sente pelo seu clitóris o mesmo que o menino por seu pênis. A descoberta de que ele possui o órgão e ela não faz a menina se sentir prejudicada, mutilada e invejosa do pênis (Miguelez, 2007).

A vivência da castração conduzirá à dissolução do complexo de Édipo no menino e à entrada do Édipo na menina. O menino que está na fase fálica se masturba e recebe ameaças de castração dos adultos. Ele não acredita muito nisso e só depois, quando reconhece a diferença dos genitais femininos, produzirá os efeitos dessa ameaça. A ameaça de castração torna-se então ativa, ele fica em perigo de ser mutilado nas duas formas de satisfação que conhece, seja no lugar do pai desejando a mãe, seja na posição da mãe desejando o pai. Como resultado da angústia de castração, ele abandona os objetos incestuosos, identifica-se com o pai proibidor e instaura o superego, marcando sua entrada na latência. A menina, que se vê mutilada, não sente angústia de castração, mas deseja possuir o falo e por isso desliza na equivalência

simbólica representada pela equação pênis = falo = filho. Espera receber esse filho do pai e sua angústia de castração se dará mais tarde ao temer a perda do amor do pai. De toda forma, o complexo de castração passa a ser considerado central na produção, evolução e destino do complexo de Édipo em ambos os sexos.

Podemos concluir didaticamente que ao final da teorização do complexo encontramos um Édipo postulado como universal, no qual os desejos em jogo não são naturais (têm sua origem na própria história do sujeito a partir das identificações e das escolhas objetais) e que ocorre de forma totalmente diferente no menino e na menina.

A adolescência pôde ser vista como momento de constituição do psiquismo, em que o Édipo, visto enquanto função estruturante, é revisitado a fim de ser validada ou não as inscrições da infância; tal processo coloca o sujeito numa posição de passagem, ele deve atravessar a vivência edipiana de forma que possa ampliá-la para outras, agora em seus laços sociais. E a partir daí podemos introduzir a idéia de Jean-Jacques Rassiail em que a adolescência é uma função psíquica de passagem.

## **Capítulo 4: A Teoria da Passagem de Jean-Jacques Rassial**

Entendemos que está em pauta na condição pós-moderna de existência a realização ou não da “operação adolescente” (Rassial, 1997, p. 38). Após pensarmos sobre a modernidade e sua relação com a adolescência, a crise das idades da vida e o prolongamento da adolescência nos dias de hoje, concluímos pela necessidade de aprofundarmos a dimensão psíquica da questão. Por isso adentramos na visão psicanalítica da adolescência e sua história e compreendemos que a passagem à vida adulta depende da revivência edípica. O complexo de Édipo tornou-se conceito essencial para entendermos o fim da adolescência, essa mesma enquanto função de passagem, sendo necessário acompanhar o desenvolvimento do mesmo e a criação posterior do conceito de Nome-do-Pai, realizado por Lacan.

### **4.1. O Nome-do-Pai**

O Nome-do-Pai é um significante que tem como função representar no psiquismo o Outro, sob a forma da Lei e da proibição fundante. Ele também é responsável pelo enlaçamento entre os registros R.S.I.

Sua invenção se dá quando Lacan retoma a teoria freudiana sobre os complexos de castração e de Édipo, pretendendo articulá-la com a metáfora paterna, a fim de estabelecer as funções do pai nos processos de simbolização. Para Lacan a interdição do incesto não é apenas histórica, é também estrutural ao psiquismo e o Nome-do-Pai (N-

d-P) é mais que um correlato ao Édipo, ele é o complexo de Édipo (Coutinho & Ferreira, 2009).

O N-d-P é, portanto, um processo de simbolização que se realiza em três tempos lógicos: frustração, castração e privação. Para que haja frustração, a criança deve, primeiramente, ocupar o lugar do falo, ser o objeto de desejo da mãe. É dessa forma que ela será introduzida no universo simbólico e compartilhará do mundo humano, da Lei e do campo do Outro. A mãe, através da oferta e da recusa do seio, mostrará à criança, que ela pode ser amada ou não, fato que implicará na construção da frustração no psiquismo infantil. Com o tempo o pai entra em jogo interditando a mãe à criança. Ele realiza assim a função de proibição, sendo apreendido pela criança como terrível e ameaçador; vemos aí a castração sendo efetuada. Depois da castração algo se processa e a criança passa a acreditar que seu pai possui um dom. Uma transformação se dá no lugar do pai, que deixa de ser onipotente e passa a ser potente, detentor de algo com valor. É o momento denominado de privação, nele o pai é reconhecido como castrado, o que exige uma elaboração da castração paterna. Este último tempo lógico do N-d-P corresponde à saída do Édipo em Freud, momento em que, através da identificação, acontece a escolha sexual. E que segundo Coutinho e Ferreira (2009):

Em síntese, é preciso renunciar ao que nunca se foi e ao que nunca se teve, mas que um dia se acreditou ser (frustração) e ter (castração) para que seja possível a simbolização do falo como objeto de dom (privação) (p. 55)

Toda essa explicação se fez necessária para que possamos discutir junto com Rassial sua conceituação de operação adolescente. Rassial foi o principal responsável

pelo desenvolvimento do termo, que depois passou a ser utilizado amplamente por autores influenciados por ele. Falar em operação adolescente significa dizer que, além da crise psicológica e dos fenômenos pubertários, há uma especificidade estrutural da adolescência enquanto fundamento operatório para o dimensionamento do psiquismo.

#### **4.2. A Operação Adolescente**

Rassial (1997) constatou que a adolescência foi conceituada primeiramente por outras disciplinas que não a psicanálise, cada qual assegurada em sua área de conhecimento, a saber: a fisiologia (puberdade), a sociologia (história e geografia) e a psicologia (acomodação e adaptação do ser). Tal constatação o levou a criar sua teoria da passagem e a criar o termo operação adolescente, que elevou a adolescência ao estatuto de conceito psicanalítico.

A adolescência de Rassial (1997) é um momento de “afecção imaginária do Eu” (p.187), que acontece devido à intrusão do real (puberdade) e que demanda uma operação simbólica. Elaboração simbólica de tamanha grandeza que a estrutura subjetiva é colocada em questão.

A operação adolescente é compreendida como um tempo do sujeito em que a dependência cronológica existente se dá na medida em que o sujeito deve ser sempre considerado em relação ao campo do Outro, ao campo do discurso (Poli, 2003). Nessa perspectiva, ela surge pela necessidade de estrutura, um estado de anseio e urgência subjetiva pelo apelo ao Outro em decorrência da traumaticidade conferida pela puberdade. Tal operação é um ato psíquico de construção que visa a dois destinos: a reposição do Nome-do-Pai e à sua apropriação pelo sujeito, e a inscrição no e pelo

simbólico da intrusão do real, esta a principal tarefa a que se reduziu a puberdade na modernidade (Ruffino, 1996).

A adolescência e a modernidade têm uma imbricação íntima, necessária e mútua, na qual, ao ‘adolescer’, o sujeito responde ativamente àquela, uma tensão que simultaneamente une e separa o adolescente da modernidade. Isso fica claro, por exemplo, ao dizer que o adolescente tem de realizar o trabalho psíquico de construção do Nome-do-Pai para si, construção pela qual se tornará sujeito da cultura. Ao mesmo tempo tal operação é considerada uma subversão da própria modernidade na medida em que esta última se esforça em declinar ou pulverizar a função da paternidade na atualidade. Para Ruffino (1996), ao invés de pensarmos a modernidade enquanto um tempo da história, é mais interessante enxergá-la enquanto certo modo de disposição do social, de suas exigências e da especificidade dos laços possíveis. Aponta que Lacan caracterizou a contemporaneidade como sendo esse tempo do declínio social da função paterna, esta sim encarada por Ruffino como o tempo histórico atual imposto pelo modo de sociabilidade da modernidade.

A partir desse ponto de vista, a adolescência é, portanto o instintivo da subjetividade adulta na contemporaneidade, ampla e necessária em todo o Ocidente desde a segunda metade do século XX. Com o declínio ou a pulverização da função paterna tornou-se necessário um segundo momento de constituição da subjetividade a fim de sustentar o sujeito adulto futuro enquanto “sinthoma”<sup>4</sup>. Em um mundo no qual o

---

<sup>4</sup> A concepção de sinthoma é relacionada às questões da psicanálise contemporânea e foi proposta pelo último ensino de Lacan. Na década de 70, ele estabelece a Clínica Borromeana, uma clínica das suplências que tem como princípio uma equivalência entre sintoma e Nome-do-Pai (o pai é um sintoma, um entre outros elementos, capaz de instaurar a relação entre os registros Real, Simbólico e Imaginário). A partir dessa concepção de sintoma, Lacan reconhece e formaliza as distintas versões do pai, para o que é preciso tomar, como operação fundamental, a confecção desse quarto elo, o sint(h)oma. (Alencar, comunicação oral, Mesa Redonda: a psicose de Freud a Lacan). E ainda: “o sinthoma é uma escrita nova que sublinha o duplo vazio do sujeito. É do campo do Outro que vem um S1, o ideal do eu, com o qual o sujeito se identifica, mascara sua falta de significante e ganha um corpo sintomático. É também, no lugar

adolescer é mais uma forma de economia do gozo, é a qualidade deste “sinthoma” que delineará as possibilidades de sociabilidade da vida humana (Ruffino, 1996).

Apesar de ser fundamentalmente uma operação simbólica, é importante salientar que para Ruffino o simbólico não é idealizado. A dimensão simbólica se enlaça e interdepende, ao Imaginário e ao Real. Os registros têm o mesmo valor e não há prevalência na estrutura subjetiva. A ancoragem simbólica está assujeitada a determinações reais e imaginárias.

Compreendemos que a adolescência é uma operação simbólica de exigência de uma reapropriação egóica do corpo e da necessidade de construir novos ideais. A operação adolescente coloca em causa uma decepção, a edípica, em que a promessa de gozo é tida como enganadora.

O adolescente está mobilizado pela distância entre duas dimensões do Édipo: entre o assassinato do pai real (metaforicamente na infância) e um segundo assassinato, do representante do pai (na adolescência). Na teoria lacaniana a relação ao Pai é mediada pelo Discurso do Mestre que sustenta a consistência simbólica do Outro. E para Ruffino (1997), o discurso do mestre é fundador de nossa identidade. Na adolescência há uma divisão do Outro: o Outro real (Outro sexo) e o Outro simbólico (Nome-do-Pai). Essa divisão é colocada em operação na entrada a uma nova lógica do Édipo, a do Outro sexo e a da seqüência das gerações.

---

onde ele encontra a falta do Outro, que ele deverá colocar algum objeto *a* para localizar, por meio dele, sua própria falta de um objeto de gozo. O sinthoma é um misto, uma conjunção de S1 e *a*. A extração de cada conjunção singular entre S1 e *a* é o objetivo final de cada análise. Ele é o osso, o rochedo da castração. Na contemporaneidade pós edipiana essa seja, talvez, a nossa única bússola” (Santos, 2006, p.04).



### 4.3 Consciência Geracional

A aquisição da consciência geracional faz parte da passagem adolescente descrita por Rassial (1997). A descoberta adolescente de que o pai é mortal no Real, sem que seja preciso assassiná-lo, garante a transmissão da vida é que vivida como perda. A partir desse processo surge a consciência geracional, através da possibilidade da perda Real do pai. É percebendo a mortalidade do pai que o jovem pode encontrar um lugar para si mesmo no mundo.

Ao viver embates físicos com o pai, os filhos percebem que o corpo do pai não é mais mítico e invencível. É imposto ao adolescente que a vida é composta de nascimento e morte, e que ele é mais um elo que ligará as gerações que o sucederam e que virão em seu lugar. Através dessas apreensões, o jovem conquista a consciência geracional na qual ele é um elo na cadeia das gerações. Rassial (1997) coloca como correspondentes o elo que há entre as gerações e o elo que liga à cadeia dos significantes; portanto, entendemos que a consciência geracional dá significação à existência do jovem que se vê como mais um dos significantes de uma cadeia infinita.

Toda essa dinâmica não acontece sem conflitos, o que Rassial chama de “crise das gerações” (Ibid, p. 124), e que nós entendemos como o já conhecido conflito entre as gerações. Na medida em que essa crise cria no adolescente a consciência geracional, ela é uma operação estruturante. Os adultos, “os velhos”, são bons quando encarnam o Outro e ruins quando são faltantes. O jovem necessita de espaço psíquico para a coexistência de uma dialética, composta pelo Outro encarnado e pelo outro faltante. Ao conseguir suportar a coexistência dessas duas instâncias dentro de si que o jovem

suportará as agruras do crescimento, e a maneira como essa dialética será vivida determinará a passagem adolescente.

Há um risco nessa passagem, um impasse é vivido na medida em que o jovem deve aceitar ser o elo seguinte, pois, caso contrário, se recusar esse lugar, pode imobilizar-se frente à semelhança. Ele recusará ser o elo seguinte se a decepção em relação ao Outro bom e poderoso não suportar a substituição pelo outro possível e faltante. A partir daí a falência dos ideais pode ser vivida com uma queda profunda num vácuo existencial.

Sobre a dinâmica dos ideais na operação adolescente, Rassial (1997) afirma que a adolescência transtorna o eu, os ideais e o mundo da infância. Ao adolescente é exigida uma nova construção identificatória em que os seguintes elementos estão em questão: a puberdade e as mudanças corporais, o estatuto do Outro, a desqualificação dos pais em constituir um modelo de adulto, a decepção frente à promessa edípica que se revela enganadora; esse é o cenário psíquico em que incide a operação identificatória do adolescente.

O supereu do adolescente se sustenta entre dois: o parental e o coletivo. O supereu parental é qualificado como proibidor e benevolente; é ele quem diz que a renúncia ao gozo será recompensada no futuro. A descoberta adolescente é justamente essa de que o gozo é sempre parcial e remetido sempre para mais tarde, esse é o ordenamento efetuado pelo supereu parental na adolescência. Quanto ao supereu coletivo, sua função é complementar os interditos, exigindo a inserção no laço social.

O ideal do eu da criança tinha sua consistência dada no Adulto (Rassial, 1997, p. 104) do mesmo sexo, sendo que elas provinham em sua maioria dos pais. Para a criança, o Adulto é formado pelos pais ideais. O adolescente percebe então, que seus

pais ‘também são gente’, assim como todo o mundo dos adultos. Essa percepção é tida como uma desqualificação, sendo que, através dela, no futuro, surgirá espaço para um objeto de desejo, neste lugar de ideal. Essa dinâmica apresenta a posituação do supereu na adolescência, o ideal do eu é uma forma positiva de supereu, simbólica, exterior ao eu, local e temporalmente, e impossível de atingir (ibid).

O supereu é entendido assim como composto de enunciados negativos, estruturantes, mas também pelos positivos, igualmente estruturantes, de consolo e promessa. O eu ideal, que foi em seu início sustentado pela mãe, é uma construção imaginária do eu que tenta dar conta das exigências exteriores. Pensar na dinâmica dos ideais e do supereu na adolescência possibilita pensar que ao jovem uma transformação se dá na sua compreensão sobre os Adultos, que se tornam adultos. Isso nos remete à necessidade de investigar mais sobre a consistência do outro na atualidade, pois é dessa consistência do que se trata a apreensão adolescente de vida adulta. Pensamos ainda que a qualidade do outro, ou do adulto que está próximo, ou funciona como referência para o adolescente, pode determinar os destinos dessas elaborações.

#### **4.4 Decepção edípica**

A dinâmica Edípica é transtornada radicalmente na adolescência. Ela acontece principalmente pela percepção de que os pais são falíveis e que morrerão. O adolescente se decepciona com seus pais e sua relação com eles sofrerá uma mudança radical. Nela a metáfora paterna perde seu valor devido à desqualificação do pai e da família em encarnar o Outro (Adulto). A promessa edípica que coloca a renúncia como provisória é entendida como mentirosa e enganadora. Rassial (1997) considera que o adolescente se

confronta com um desespero da vacuidade do lugar do Outro, que será aliviado somente quando houver a produção do sintoma, pois com ele uma “nova encarnação imaginária do Outro no outro sexo virá” (p.140).

Ainda quanto à desqualificação dos pais, é importante dizer que se trata de um momento de risco e também muito rico, no qual o jovem deverá autorizar-se de si mesmo, seja numa escolha profissional, ou algo que lhe dê um nome, refundando “sua identidade sobre o vestígio, defasado, da primeira inscrição” (Rassial, 1997, p. 42).

Quando criança o sujeito aceitou a condição de castração e, portanto, teve inscrito o N-d-P em seu psiquismo. Tal inscrição o condicionou à renúncia do gozo do Outro (a mãe), o que fez com que aceitasse o N-d-P, se orientando pelo falo e interdito por uma promessa. Essa promessa dizia que o menino e a menina, interditos em seus desejos infantis, haveriam de satisfazê-los quando se tornassem gente grande. Essa promessa é cobrada pelo adolescente que se sente enganado, e dela advém, na adolescência, uma decepção. Diante disso o jovem é capaz de aceitar que o gozo é sempre parcial como todos os outros. A esperança de um gozo Outro que vá além de um limite fálico será sempre remetido para mais tarde, até a morte. Tal decepção é a primeira, mas não a última, sendo a explicação para manifestações adolescentes patológicas como toxicomania, delinquência, suicídio e situações de risco. Essa decepção acompanha ao sujeito por toda sua vida, em qualquer idade, e deve sempre ser relançada como garantia de continuidade existencial.

Nesse momento abrimos um espaço para refletirmos sobre as relações pais e filhos com que nos deparamos na clínica psicanalítica. A decepção com o outro faltante encarnado nos pais, e também em outros referenciais muito valiosos ao adolescente, pode levá-lo a uma condição depressiva que necessite de intervenção. Consideramos de

extrema importância o desenvolvimento de pesquisas que discorram sobre o tema da inconsistência do Outro na atualidade relacionada com a dinâmica adolescente. Seria interessante pensar sobre como se dá a decepção em causa e como o jovem constitui um lugar para si tendo em vista um mundo adulto modificado.

A experiência de decepção edípica e a consciência geracional são fundamentais e têm os seguintes efeitos: tornar-se grande e a consistência imaginária do Outro. Na primeira, ao adolescente é exigido o abandono do estatuto de criança e a reconstrução da imagem do corpo. O segundo efeito se refere a consistência imaginária do outro, termo que se refere a uma “pane do Outro” (p. 190); o adolescente precisa do outro para atravessar tal pane, sendo que na contemporaneidade a qualidade deste Outro está em questão. Para Rassial (1997), o adolescente se iguala a um dos pais (do mesmo sexo) e isso leva à constatação de que os pais não são fundadores e sim transmissores, o que revela a desqualificação dos pais da função imaginária do Outro. Essa “pane das figuras do Outro” deixa vazio o horizonte da palavra e o lugar de um suposto saber, colocando em causa o Nome-do-Pai enquanto ancoragem desse Outro. A função do N-d-P está assegurada na intersubjetividade e, portanto, é determinada socialmente. O declínio da função paterna, como percebido hoje, afeta-a, orientando as patologias. Sendo assim, a operação adolescente é uma operação de validação ou não do Nome-do-Pai.

A crise das gerações, a decepção edípica e a falência dos ideais são, portanto, necessários na estruturação subjetiva do adolescente que, reconhecendo a diferença, pode reconhecer a si mesmo. Acreditamos que o contexto em que vivemos vem acentuando essas ‘decepções’ e por isso seria interessante mais pesquisas que buscassem saber como os jovens estão lidando com isso.

## **Capítulo 5: Adolescência como Ideal Cultural e a Vacância do Lugar do Adulto**

J.J Rassial disse que ‘a adolescência é uma idade em que o imaginário conta’; mas isso leva a perguntar se existe uma idade em que a imagem do copo não contaria.

**Bernard Penot**

Este capítulo pretende discutir os outros sentidos da adolescência, notadamente o de ideal da cultura. Essa discussão nos leva a questionamentos sobre conceitos psicanalíticos e principalmente sobre o ideal de vida adulta. Apresentamos a seguir as idéias que sustentam nossa afirmação de uma vida adulta modificada em sua consistência, porém ainda vigente.

No livro “Complexo de Édipo: novas Psicopatologias, Novas Mulheres, Novos Homens” de Nora Miguelez (2007), a autora questiona sobre validade temporal e histórica do complexo Édipo: “seria o complexo de Édipo predicado para todo sujeito humano, de qualquer cultura ou época histórica?” (p.13). Apresenta uma evolução detalhada do conceito na obra freudiana e depois nos introduz ao ponto fundamental de sua indagação, a vigência do Édipo na atualidade. Ela encontrou alguns psicanalistas que discutem a influência das mudanças históricas e sociais na constituição das subjetividades, considerações relativas às novas doenças psíquicas, mantendo como

referência a conflitiva edípiana. Seriam autores que pensam como essas transformações afetam a teorização do núcleo das neuroses.

Miguel (2007) citando Miller (2001) afirma que, a fase final do ensino de Lacan é marcada pelo questionamento do Édipo freudiano e pela falência do significante do Nome-do-Pai, organizador da interdição. Com a teorização do nó borromeano, o primado do Simbólico cai, e as configurações desse nó (entre Simbólico, Imaginário e Real) darão conta dos novos modos de subjetivação. De acordo com Miguel, nesse último ensino, o simbólico é colocado como cambiante, histórico e absolutamente incapaz de recobrir o Real. Temos uma perspectiva em que os modos de subjetivação podem variar no tempo, submetidos às formas de articulação entre o Real, o Simbólico e o Imaginário. O Édipo perde seu monopólio enquanto fundador das subjetividades, abrindo espaço para outras fábricas de subjetivação sexuada, imprevisíveis ou até mesmo desnecessárias.

No entanto, durante o restante do livro a autora apresentará sólidos argumentos que afirmam a validade do Édipo e ainda demonstrará que novas formas de poder, como o biopoder de Foucault, ainda exercem a função de proibição fundante que interdita o incesto na sociedade contemporânea. Segundo ela, na clínica atual, encontramos homens e mulheres que não abandonam a casa paterna, não casam nem têm filhos e não assumem responsabilidades profissionais ou o fazem tardiamente. Para a autora, não se trata de psicóticos e sim de uma condição de filhos estendida e atrelada ao conflito incestuoso não elaborado. Nessa perspectiva, novas patologias surgem devido à existência de uma sociedade que não legitima a autoridade e não prescreve que o jovem cresça. O retorno ao imediato, as palavras-ato e a satisfação pulsional urgente seriam os destinos previstos.

Esta visão de uma sociedade que não cresce pode ser problematizada. Miguelez (2007) alerta que psicanalistas adeptos dessas teorias fazem do tratamento analítico uma espécie de militância política em prol do poder do pai decaído. Segundo a autora, são considerações que decretam a falência da humanidade enquanto tal, o que pode ser excessivo, saudosista e até mesmo anti-histórico.

Os indivíduos que cresceram nas últimas décadas assistiram a decadência dos metarrelatos e das utopias filosóficas, mudanças fundamentais que criaram o que vem sendo chamado de condição pós-moderna (Lopes da Silva, 1999). A condição pós-moderna é entendida como de um realismo intransponível e que diante dele a circulação da palavra é a única forma de se pensar o vínculo social. Seria um sistema social denominado de “sistema-fluxo” (Lopes da Silva, 1999, p. 157), onde haveria jogos de linguagem e conseqüentemente jogos de poder.

Na contemporaneidade é verificada a existência de jogos de poder, novos poderes que atuam de maneiras ainda mais extensas e inclusivas que a autoridade paterna. De acordo com Miguelez (2007), o fim do poder do pai, do patriarcado, não significa o fim do poder e sim a necessidade de revisão dos conceitos psicanalíticos. Para a autora, se a lei do pai não for mais atuante, ainda podem existir outras formas que preservem o fundamental: a proibição do incesto. Assim, é possível deixar de contar com o pai da família patriarcal e continuar afirmando a vigência da proibição do incesto e, conseqüentemente, da constituição do sujeito, do objeto e do desejo. Existem, em nossa cultura atual, outros poderes que atuam como função paterna, até mesmo com mais intensidade e extensão. O poder agora é multifacetado, uma multiplicidade de poderes, com múltiplas instâncias e compartilhado inclusive com a mãe e outros destinos além da família como: a escola, a mídia, a propaganda, a medicina, a tecnociência, as empresas, o Estado e outros.



Temos hoje uma cultura que escolheu sonhar com liberdade a qualquer custo e a adolescência pós-moderna se tornou uma caricatura deste sonho falido (Lopes da Silva, 1999). Lopes da Silva (1999) faz uma distinção, que pode ser interessante para nós, entre a condição moderna e pós-moderna: a primeira seria toda atitude de ruptura frente a uma tradição e a segunda seria a força que rompe com a ruptura, impedindo-a de se cristalizar em projeto. Pensamos que essa distinção é útil, já que defendemos que o funcionamento adolescente faz parte agora de uma condição de existência não somente dos jovens, mas de toda a sociedade.

Para Lopes da Silva (1999), a adolescência é um “litoral privilegiado para a abordagem do continente moderno” (p.154). Sua tese se deita sobre as relações entre modernidade e adolescência e nos capítulos finais considera: a adolescência é sintoma e caricatura da modernidade, e enquanto tal, se inscreve de forma peculiar no jogo de metonímia e metáforas. Enquanto sintoma, a adolescência é metáfora, perturbação pós-moderna no modo moderno de nos tornarmos sujeitos. Ao mesmo tempo, ela caricaturiza a sociedade moderna, revelando o quanto esta se encontra numa posição narcísica. Segundo o autor, nossa modernidade almeja absorver o adolescente para dentro de si e realiza isso ao se entregar ao fascínio pela adolescência, transformando-a em parâmetro para organização da sociedade narcísica. O pós-moderno não cessa de ser constantemente absorvido e neutralizado pelo moderno.

É importante pontuar que compreendemos a adolescência como algo além do funcionamento psíquico próprio dos sujeitos, ela pode ser entendida também enquanto uma característica da organização social pós-moderna. A sociedade contemporânea exalta princípios narcísicos como diversão, beleza, disposição, jovialidade, malhação e consumo; entretanto falar em sociedade narcísica não é o mesmo que falar em sociedade adolescente. Faz parte do processo adolescente a preocupação com o futuro e a

construção de ideais que sustentem a espera. Parece que a sociedade se apropria do funcionamento adolescente apenas naquilo que lhe é conveniente e busca deixar de fora aquilo que os sujeitos adolescentes apontam: a possibilidade de projetos e ideais que mudam constantemente. A adolescência tem a função de revelar não somente a queda dos ideais modernos, como a liberdade e o individualismo, mas também a própria concepção moderna de ideal.

Considerando que as transformações sociais ocorridas no pós-guerra e na década de 60 contribuíram de maneira ímpar no conhecimento sobre a juventude e que cada época elege seus ideais de perfeição, percebemos que prestígio da juventude é recente. Nos anos 20, homens e mulheres eram mais valorizados ao ingressar na fase produtivo-reprodutiva da vida enquanto a juventude era depreciada por ser um momento de indefinição, um limbo entre a infância e a vida adulta. As transformações decorrentes do pós-guerra acarretaram em profundas mudanças no conceito de adolescência, aliás, foi a partir desse período histórico que o termo adolescência ganhou força, determinando mais que um momento indefinido da vida, mas uma categoria social representante de uma “nova fatia de mercado” (Kehl, 2007, p.45).

Maria Rita Kehl (2007) fala sobre uma “teenagização” (p. 50) da cultura ocidental, uma ‘cultura dos jovens’ que transformou o adolescente em mercado consumidor, uma nova geração reflexo da cultura no pós-guerra, inicialmente americana, mas rapidamente difundida no mundo capitalista. O desmoronamento de marcos sociais de ingresso na vida adulta, como a entrada no mercado de trabalho e, principalmente, a constituição de um núcleo familiar, revelou a dificuldade do trabalho simbólico de travessia, que passa a ser especialmente problematizado na contemporaneidade.

No processo de constituição do sujeito, a alteridade ocupa lugar primordial, e na perspectiva adolescente o outro é mais que um mero referencial, ele é condição fundamental de subjetivação. A relação com a pessoa adulta e sua experiência de vida sinaliza ao jovem a historicidade da existência e a possibilidade de transcendência de seu próprio tempo. Envelhecer é colocado, muitas vezes, como um processo de retrocesso e de perda, como se não houvesse nada a ser ganho com a passagem do tempo. Muitos adultos, submersos em ideais *teen*, não parecem satisfeitos com o que fizeram de suas vidas e se mostram apavorados ao se darem conta do crescimento de seus filhos. Adultos diminuídos e desvalorizados de seu lugar de “mais velhos” causam um fenômeno a que chamamos de *vacância do lugar de Adulto*<sup>5</sup>. Ao ponderar que a adolescência foi modificada, percebemos que a vida adulta também sofreu profundas alterações. Nossa descoberta surgiu no momento em que procurávamos o que se passava com os adolescentes que não “queriam” crescer. Foi então que encontramos a vacância do Adulto, uma forma demissionária de lidar com a falta do Outro num sentido amplo e que não se sustenta em condições pós-modernas de existência.

O fato é que a vaga de adulto está desocupada na sociedade contemporânea, causando a dissipação do conflito de gerações, abandonando a juventude às suas próprias regras (Kehl, 2007). Segundo a autora, o adulto de hoje sente uma “certa má consciência” (p. 50) em relação a sua experiência de vida, imerso em ideais ‘*teen*’ sente-se incapaz de tirar conclusões sobre sua própria vida e passá-las aos seus descendentes. Em seu artigo, a autora fala que a idealização da juventude causa um efeito paradoxal no campo das identificações, já que a cultura passa a oferecer modelos identificatórios de eterna juventude fazendo de todos ‘eternos jovens’ (Kehl, 2007).

---

<sup>5</sup> O uso da grafia *Adulto*, com maiúscula, se justifica para identificá-lo como um Ideal, e com minúscula como pessoa e simples função.

Sua discussão se desenvolve refletindo sobre a adolescência enquanto mercado consumidor, afirmando inclusive que através do consumismo criaram-se, além dos objetos de consumo, locais de freqüentação que atuam como rituais da passagem adolescente. Os pais e adultos não querem ser ‘caretas’, não querem o conflito de gerações e, em nome da tolerância e compreensão, pretendem-se liberais. Dessa forma, acabam produzindo desamparo. Para a autora, nesse processo “a rede de proteção imaginária constituída pelo o que o Outro sabe se desfaz, e a própria experiência perde significação” (Kehl, 2007, p.50). O trabalho de Kehl nos fornece subsídios para sustentarmos a proposição de vacância do lugar de Adulto, que ao esvaziar-se problematiza a necessidade adolescente de modelos identificatórios e até mesmo no que se refere à desqualificação do adulto que vimos no capítulo anterior. Por isso pensamos numa ressignificação do lugar de Adulto, pois nela o adulto pós-moderno não é mais o modelo identificatório proposto à adolescência.

Diante desta articulação proposta, temos que a condição do Adulto é mais um ideal decaído, dele restando a ressignificação como lugar que é tomado como cambiante e faltoso. A vida adulta enquanto ideal moderno cumpria a função de garantir um ingresso que determinava a dinâmica da passagem adolescente. Tornar-se adulto significava ascender ou mesmo alcançar um objetivo de existência, um mundo de reconhecimento, prestígio e conquista. Ao instituir a condição de ‘esvazividade’ e a falência ideal do mesmo, isso nos faz perguntar sobre as operações sociais e psíquicas desencadeadas a partir de então.

Socialmente o lugar de Adulto era uma forma garantidora do encadeamento e da transmissão geracional que se dava pelo lugar de modelo identificatório que o adulto ocupava. Nesse sentido a falência do lugar de Adulto remete a um funcionamento social em que a delimitação hierarquizada das idades da vida e da diferença entre as gerações

perde o sentido. Aliando a isso, consideramos que a sociedade permeada pelo ideal adolescente traz consigo uma nova concepção de temporalidade. A passagem do tempo, ou seja, a concepção de passado, presente e futuro fica exposta à relação que o sujeito constrói com ela. Para os sujeitos contemporâneos uma temporalidade feita por tempos instantes.

No campo do psiquismo, o lugar de Adulto estando vago expõe o caráter de ‘amuleto da sorte’ que este exercia. E sem amuletos os sujeitos terão que se haver com sua própria condição faltosa e inacabada. Ser adulto significa para o jovem de hoje ocupar um lugar vago e que assim continuará. Tornar-se adulto não se trata mais de ultrapassar uma idade da vida (adolescência) em prol de outra mais desenvolvida (adulto), trata-se mais de suportar a condição errante e também desejosa do humano.

A adolescência como ideal cultural também é discutida por Coutinho (2005); para ela, a adolescência se tornou o ideal cultural que todos desejam alcançar e nele permanecer. Segundo sua investigação o conceito se mostra peculiar e específico de uma cultura baseada em valores de liberdade e autonomia. Seu trabalho relaciona a ascensão da adolescência, sua hiperprodução, com a queda dos referenciais e ideais modernos como a fraternidade e a igualdade. Para ela a queda dos grandes ideais sociais fragiliza o laço social, afetando particularmente os sujeitos adolescentes: a adolescência é produtora e produto do individualismo, tornando-se um ideal cultural e sintoma social dos nossos tempos.

O trabalho de Coutinho (2005) traz um enriquecimento ao tema, pois nos apresenta um paradoxo: ao mesmo tempo em que os adolescentes são os mais afetados por essa conjuntura histórica e social que parece falida, são eles os responsáveis pela reinvenção do laço social através de suas formações grupais. São os sujeitos

adolescentes que apresentam possibilidades de vida diante deste cenário pessimista. Produções adolescentes como as fratrias são entendidas como tentativas de reafirmação do laço social. Dessa forma, os sujeitos ocupam diferentes lugares diante do sintoma social: encobrindo a castração como quer a cultura ou criando referências simbólicas criativas e mais satisfatórias entre seus pares. Com essas colocações, a autora vê a possibilidade do ideal cultural adolescente como algo positivo, inclusive demonstrando que a queda dos grandes ideais não é de todo má, e que a história se mostra renovadora sempre.

As considerações de Coutinho (2005), Miguelez (2007) e Kehl (2007) vêm ao encontro de nossa investigação ao oferecer uma visão otimista da condição adolescente contemporânea e nos auxilia a reafirmar que a nostalgia moderna sobre o ideal adulto não se sustenta mais. Uma vez decaído e esvaziado, o ideal moderno de adulto se modifica deixando espaço para novas formas de subjetivação, abrindo possibilidades para uma vida adulta pautada na proibição fundante em que a adolescência opera significando trânsito e criatividade em qualquer idade.

## Considerações Finais

Desde o início a investigação foi difícil, principalmente por causa da minha relação com o objeto de pesquisa, que sempre foi um tanto tumultuada, isto porque meu objeto sofria mutações constantes. E, somente depois do trabalho realizado, cheguei à conclusão de que ele se tornou o estudo teórico do conceito de adolescência e a sua relação com a vida adulta contemporânea. Chegar nesse ponto de delimitação foi um trabalho árduo, porque meu objeto se transmutou por todo o percurso, e penso que se tivesse mais tempo ele se modificaria ainda muitas vezes.

Primeiramente a questão se voltava ao adolescente e sua perspectiva de futuro. Nesse contexto, buscava compreender de que maneira os jovens projetavam suas vidas, como vivenciavam a temporalidade acelerada de hoje e constituíam projetos principalmente no momento de ingresso na vida adulta. O capítulo 1 mostra bem as idéias desse período. Nesse momento eu pensava que a vida adulta estava lá, pronta, esperando para ser alcançada, como um fim a ser atingido, enfim, um sonho, um ideal.

Passei a viver uma séria crise com o objeto, pois eu não tinha o desejo de conversar com os jovens sobre o assunto, e não acreditava que assim eu poderia ir ao encontro ao que realmente me incomodava. E o que realmente me incomodava? O incômodo se referia a uma resposta que seria, na época, complicada de extrair de outros jovens: o que acontece com uma pessoa *enquanto* ela se torna adulta? Ah, então deveria perguntar isso aos adultos. Mas aí um novo problema, como saber se uma pessoa é adulta, ou ainda além, como definir o adulto? A questão foi se complicando cada vez

mais, a vida adulta adentrou de vez no trabalho. Mas definir a vida adulta também não resolveria a questão. Passei a estudar o fim da adolescência.

Estudar o fim da adolescência e, principalmente, a adolescência prolongada foi bem rico, esse foi meu objeto durante um tempo. Procurei o máximo que pude sobre o que levaria o jovem a estender esse período de limbo existencial. Foi a partir das ideias que constituíram o capítulo 2, que tive a clareza que a adolescência, apesar de ser um marco temporal, poderia ser muito mais que isso. A adolescência é também uma função psíquica, um ideal, um sintoma e uma caricatura da sociedade.

Aprofundei meus estudos psicanalíticos sobre a adolescência, a história do conceito e as produções mais recentes. Foi no capítulo 3 que iniciei meus estudos na corrente francesa da psicanálise, e mergulhei nos conceitos básicos de Lacan. Compreender os três registros, o Nome-do-Pai, o nó borromeano e o sinthoma não foi tarefa fácil, inclusive ainda há muito o que aprender. A tentativa foi de compreender o suficiente para acompanhar Rastal na sua definição de operação adolescente que desde o início achei genial. E dessa maneira eu fiz um recorte teórico-conceitual para apreender a adolescência.

Daí surgiu a necessidade do capítulo 4, uma descrição dos pontos fundamentais que constituem a operação adolescente de Rastal. Esse capítulo teve a função de apresentar aos leitores a teoria da passagem desse autor e, de responder uma indagação antiga que se relacionava aos operadores psíquicos mais importantes da transição. Busquei falar sobre a dinâmica de alguns operadores como a decepção edipiana, a desqualificação dos pais e os ideais. Esse capítulo teve a função de solidificar uma base teórica importante, pois a partir dele defini meu olhar sobre a passagem adolescente.



O capítulo 5 se deve às indagações que não se calam a cada resposta encontrada. A partir desse momento a adolescência pôde ser vista em seu todo: idade da vida, função psíquica e ideal cultural e sintoma social. Perspectiva que alimentou ainda mais a vontade de pensar a vida adulta nesse contexto. Ao encontrar a adolescência como ideal cultural as bases do pensamento psicanalítico se balançaram exigindo novas investigações e a produção de perguntas que ainda não têm resposta.

Então, quais foram às conclusões?

Compreendo agora que o percurso da pesquisa foi um processo de desidealização do lugar de Adulto, que rompido, juntamente com o declínio da função paterna, se mostra historicamente determinado. A descoberta da pesquisa é inquietante e remete à constatação de que a vida adulta que cada um constrói está relacionada menos com forças históricas e mais com condições psíquicas pré-determinadas. Hoje a adolescência transita pelo mundo adulto, seja como ideal cultural seja como função psíquica, um jogo de subversão que coloca em causa os lugares socialmente determinados e suas conseqüências na constituição do sujeito. E, da mesma maneira que aconteceu com o ideal Adulto, entendemos que o ideal adolescente terá o seu momento de derrocada quando as condições históricas e sociais assim o determinarem.

A adolescência é uma função psíquica ativa durante toda a vida. Sua presença ao longo da vida incrementa no psiquismo uma dinâmica de não lugar. Uma função permanente no sujeito que uma vez instaurada, na idade da adolescência, permanece no psiquismo, mostrando a ele que seu lugar no mundo não é definido de uma vez por todas e que será sempre necessário o trabalho de “se encontrar”.

Concluimos também que a ampliação do conceito de adolescência subverte o lugar do Adulto na contemporaneidade. A constatação da intrusão da adolescência nas

diferentes idades evidenciou a falência do lugar do Adulto. Este último enquanto ideal era sustentado na medida em que se oferecia como modelo identificatório. A adolescência agora assume seu mandato de ocupar um lugar vago que assim permanecerá. E para realizar essa operação outros modelos identificatórios serão eleitos; pensamos que a multiplicidade e a força dos poderes da cultura contemporânea realizarão essa ordenação.

## Referências Bibliográficas:

Aberastury, A., & Knobel, M. (1981). *Adolescência Normal*. Porto Alegre: Artes Médicas.

Birman, J. (2008). Adolescência Sem Fim: Peripécias do sujeito num mundo pós-edipiano. In: M. Cardoso & F. Marty, *Destinos da Adolescência*. Rio de Janeiro: 7 letras e Programa de Pós-graduação em Teoria Psicanalítica/UFRJ.

Brasil. (2006). Política Nacional de Juventude. Diretrizes e Perspectivas. *Conselho Nacional de Juventude*. Brasília, Distrito Federal, Brasil: Fundação Friederic Ebert/Secretaria nacional de Juventude/Secretaria Geral da Presidência da República.

Bauman, Zygmunt (1998). *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Calligaris, C. (2000). A Adolescência como Ideal Cultural. In: C. Calligaris, *A Adolescência*. São Paulo: Publifolha.

Dantas, N. M. (2002). Adolescência e psicanálise: uma possibilidade teórica. *Dissertação de Mestrado do Programa de Psicologia Clínica da Universidade Católica de Pernambuco*. Recife, Pernambuco, Brasil.

Foracchi, M. A. (1972). *A Juventude na Sociedade Moderna*. São Paulo: Pioneira.

Freud, A. (1983). *O Ego e os mecanismos de defesa*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

Freud, S. (1905). Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade. In: S, Freud, *Edição Standart Brasileira das Obras completas de Sigmund Freud (Vol. VII)* - Rio de Janeiro: Imago.

Freud, S. (1908). Sobre as Teorias Sexuais Infantis. In: S, Freud, *Edição Standart Brasileira das Obras completas de Sigmund Freud (Vol.XIX)* - Rio de Janeiro: Imago.

Freud, S. (1930[1929]). O Mal Estar da Civilização. In: S, Freud, *Edição Standart Brasileira das Obras completas de Sigmund Freud (Vol.XXI)* - Rio de Janeiro: Imago.

Giddens, A. (1991). *As Consequências da Modernidade*. São Paulo: Unesp.

Giddens, A. (2002). *Modernidade e Identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Kehl, M. R. (2007). A Juventude como sintoma da cultura. *Revista de saberes - mandato vereador Arnaldo Godoy*, (Ano V, n. 6, pp. 44 – 55). Belo Horizonte.

Leccardi, C. (2005, Novembro). Para um novo significado do futuro: mudança social, jovens e tempo. *Tempo Social, revista de Sociologia da USP*, 17 (2), pp. 35 - 57.

Leitão, C. F. (1996). *O prolongamento da adolescência: impasses na separação subjetiva entre pais e filhos*. Dissertação de Mestrado Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro . Rio de Janeiro, RJ: Biblioteca da PUC - Rio.

Levisky, D. L. (1998). *Adolescência: reflexões Psicanalíticas*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Levy, R. (2007). *A adolescência no Brasil, hoje*. Texto apresentado no Convegno Essere Adolescenti Oggi, no dia 13 de janeiro de 2009. Milão, Itália.

Lopes da Silva, F. L (1999). *Adolescência: modernidade?* Tese de Doutorado Universidade Estadual de Campinas. Campinas, SP: Biblioteca UNICAMP.

Loyola, (2009, Outubro). Geração Y. *Revista Galileu*. 219. Recuperado em 10 de janeiro de 2011 de <http://revistagalileu.globo.com/Revista/Galileu/0,,EDG87165-7943-219,00-GERACAO+Y.html>

Matheus, T. C. (2003, Janeiro). O discurso adolescente numa sociedade na virada do século. *Psicologia USP - on line*, 14 (1) pp.85-94. ISSN 0103-6564. Recuperado em 04 de abril de 2009 de <http://www.scielo.br/scieloOrg/php/reference.php?pid=S0103-65642003000100006&caller=www.scielo.br&lang=en>.

Miguel, N. B. (2007). *Complexo de Édipo: Novas Psicopatologias, Novas Mulheres, Novos Homens*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Moreira, J. O. (2004, Maio/Agosto). Édipo em Freud: O Movimento de uma teoria. *Psicologia em Estudo*, 9 (2), pp. 219 - 227. Recuperado em 11 de outubro de 2010 de <http://www.scielo.br/pdf/pe/v9n2/v9n2a08.pdf>.

Oliveira, A. (2007, Junho). Adolescência Prolongada: Um Olhar Sobre a Nova Geração. *Revista Colloquium Humanarum*, 4 (1), pp. 31 - 45.

Outeiral, J. (1994). *O Adolecer: estudos sobre adolescência*. Porto Alegre: Artes Médicas.

Peralva, A. (1997, Set/Out/Nov/Dez). O Jovem como Modelo Cultural. *Revista Brasileira de Educação*, pp. 15 - 24. Recuperado em 10 de novembro de 2010 de <http://educa.fcc.org.br/pdf/rbedu/n05-06/n05-06a03.pdf>.

Poli, M. C. (2003). Os tempos do sujeito e do outro: Narração, discurso e pulsão. *Estilos da Clínica - on line*, 8 (15), pp. 82 - 93. Recuperado em 05 de abril de 2009 de [http://www.revistasusp.sibi.usp.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1415-71282003000200007&lng=pt&nrm=iso](http://www.revistasusp.sibi.usp.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-71282003000200007&lng=pt&nrm=iso). ISSN 1415-7128

Rassial, Jean-Jacques (1997). *A Passagem Adolescente: da família ao laço social*. Porto Alegre: Artes e ofícios.

Rosa, M. D. (2002). Adolescência: da cena familiar a cena social. *Psicologia USP [online]*, vol. 13, n.2. pp. 227-241. Recuperado em 17 de novembro de 2010, de [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-65642002000200013&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65642002000200013&lng=pt&nrm=iso). ISSN 0103-6564. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-65642002000200013>.

Rosa, M. D. (2004, Setembro). Pesquisa Psicanalítica dos Fenômenos Sociais e Políticos: metodologia e Fundamentação Teórica. *Revista mal- Estar e Subjetividade*, pp. 329 - 348. Recuperado em 21 de maio de 2008 de <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/malestar/v4n2/08.pdf>.

Ruffino, R. (1996). A adolescência como operação do simbólico. *Pulsional*, IX (89), 05 - 13. Recuperado em 05 de abril de 2009 de <http://www.pailegal.net/ser-pai/ser-pai/analises/307-adolescencia-e-modernidade>.

Ruffino, R. (2005, Maio). *Mundo moderno e cena juvenil*. Anais Eletrônicos Simpósio Internacional do Adolescente. São Paulo.

Salles, L. M. (2005). Infância e adolescência na sociedade contemporânea. *Estudos de Psicologia*, 22 (1), 33 - 41. Recuperado em 10 de novembro de 2010 de <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/epc/v22n1/v22n1a05.pdf>

Santos, T. C. (2006). *Sinthoma; corpo e laço social*. Rio de Janeiro, RJ: SEPHORA/UFRJ.

Waits, T (1992). I' Don't Want to Grow Up [Gravado por Tom Waits]. Em "Bone Machine" [CD]. Nova Iorque: Island Records

## Anexos

Letra: "I Don't Want To Grow Up" – Tom Waits

I Don't Want To Grow Up

When I'm lying in my bed at night  
 I don't wanna grow up  
 Nothing ever seems to turn out right  
 I don't wanna grow up  
 How do you move in a world of fog that's always changing things

Makes me wish than I could be a dog  
 When I see the price that you pay  
 I don't wanna grow up  
 I don't ever wanna be that way  
 I don't wanna grow up

Seems that folks turn into things they never want  
 The only thing to live for is today

I've gonna put a hole in my T.V. set  
 I don't wanna grow up  
 Open up the medicine chest  
 I don't wanna grow up

I don't wanna have to shout it out  
 I don't want my hair to fall out  
 I don't wanna be filled with doubt  
 I don't wanna be a good boyscout  
 I don't wanna have to learn to count  
 I don't want the biggest amount

No I don't want to grow up

When I see my parents fight  
 I don't wanna grow up  
 They all go out and drinkin all night  
 I don't wanna grow up  
 I'd rather stay here in my room  
 Nothing out there but sad and gloom  
 I don't wanna live in a big ol tomb on Grand St.

When I see the 5 0' clock news  
 I don't wanna grow up  
 Comb their hair and shine their shoes  
 I don't wanna grow up

Stay around in my ol hometown  
 I don't wanna put no money down  
 Don't wanna get a big ol loan  
 Work them fingers to the bone  
 I dont' wanna float on a broom  
 Fall in love get married then boom  
 How the hell did it get here so soon

No I don't want to grow up

Tradução da Música: “I Don't Want To Grow Up” – Tom Waits

**Eu Não Quero Crescer**

Quando estou à noite em minha cama  
 Eu não quero crescer  
 Sempre nada parece se mostrar direito  
 Eu não quero crescer  
 Como você move um mundo de névoa que está sempre mudando as coisas

Me faz desejar que eu fosse um cachorro  
 Quando eu vejo o preço que se paga  
 Eu não quero crescer  
 Eu não quero ser sempre daquele jeito  
 Eu não quero crescer

Parece que as pessoas se tornam coisas que nunca quiseram ser  
 A única coisa para se viver é o hoje

Vou fazer um buraco em minha TV  
 Eu não quero crescer  
 Abra a caixa de medicamentos  
 Eu não quero crescer

Eu não quero ter de gritar  
 Eu não quero que meu cabelo caia  
 Eu não quero ficar cheio de dúvidas  
 Eu não quero ser um bom escoteiro  
 Eu não quero ter de aprender a contar  
 Eu não quero ter muito dinheiro

Eu não quero crescer

Quando vejo meus pais brigando  
 Eu não quero crescer  
 Todos saem e bebem a noite toda  
 Eu não quero crescer  
 Fico bastante em meu quarto  
 Nada lá fora além de tristeza e obscuridade  
 Eu não quero viver numa velha e grande tumba numa rua principal

Quando vejo as notícias das cinco horas  
 Eu não quero crescer  
 Pentear seus cabelos e engraxar seus sapatos  
 Eu não quero crescer

Ficar dando voltas em minha velha cidade natal  
 Eu não quero gastar dinheiro  
 Eu não quero pegar empréstimo  
 Nem gastar meus dedos no trabalho até os ossos  
 Eu não quero voar numa vassoura  
 Me apaixonar, casar e então a explosão  
 Como diabos chegou aqui tão rápido?



Eu não quero crescer